



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

KLARISSE SILVA DE LIMA

**AMÉRICA: O PARAÍSO É AQUI – O REALISMO MÁGICO NOS TEXTOS DOS
CRONISTAS DAS ÍNDIAS**

JOÃO PESSOA

2016.2

KLARISSE SILVA DE LIMA

**AMÉRICA: O PARAÍSO É AQUI – O REALISMO MÁGICO NOS TEXTOS DOS
CRONISTAS DAS ÍNDIAS**

**Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do título de graduado em Letras,
habilitação em Língua Espanhola, na Universidade
Federal da Paraíba (UFPB).**

**Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Luiza Teixeira
Batista**

JOÃO PESSOA

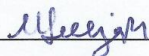
2016.2

KLARISSE SILVA DE LIMA

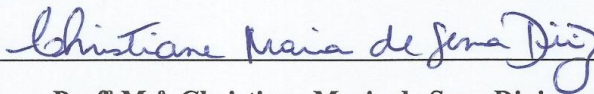
**AMÉRICA: O PARAÍSO É AQUI – O REALISMO MÁGICO NOS
TEXTOS DOS CRONISTAS DAS ÍNDIAS**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de graduado em Letras, habilitação em Língua Espanhola, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª Dr^ª. Maria Luiza Teixeira Batista, UFPB
Orientadora



Prof^ª Ms^a. Christiane Maria de Sena Diniz
Examinadora



Prof^ª Dr^ª. Lúcia Fátima Fernandes Nobre
Examinadora

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Lima, Klarisse Silva de.

América: O paraíso é aqui – O realismo mágico nos textos dos cronistas das índias. / Klarisse Silva de Lima.- João Pessoa, 2017.
56f.:il.

Monografia (Graduação em Letras - Língua Espanhola) –
Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Teixeira Batista.

1. Literatura Colonial. 2. Realismo Mágico. 3. Mitos e Lendas.
4. Cronistas das Índias. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 82

“Y es que España, deslumbrada por lo que le llegaba de los aventureros afortunados, acostumbrados ya a pronunciar nuevas palabras y nombres, a saber del Potosí y del Reino de Cuzco, del Inca y del Teocali, se iba habituando a admitir que, en América, lo fantástico se hacía realidad.” (Alejo Carpentier)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e aos meus guias de luz que me deram forças para enfrentar esta jornada até o final.

A meus pais, José Marcos e Rosiclair pela compreensão e carinho. A meus irmãos e familiares pela força, torcida e paciência. A minha irmã Kelly por toda ajuda e orientação nos passos finais deste curso.

Ao meu futuro esposo Hassã, por sua compreensão nos momentos de tensão, por sua torcida e por sempre acreditar em mim.

À professora Luiza, orientadora e profissional exemplar, que com paciência, dedicação, compreensão e disponibilidade, me ajudou na condução deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

A todos os professores que me guiaram neste caminho, em especial a Luiza, Juan e M^a Mercedes por toda a inspiração nos estudos literários.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste sonho e deste estudo.

RESUMO

Em 1492, Cristóvão Colombo chega às terras americanas, que passarão a representar a partir deste momento uma novidade misteriosa e instigante aos olhos europeus. Nos relatos posteriores advindos de conquistadores, exploradores e viajantes, encontramos referências a obras literárias e mitos que cercaram o imaginário europeu até o momento do encontro com a América nas descrições das novas terras. Tais relatos fortaleceram a imaginação popular e geraram novas lendas a respeito das terras americanas, fortalecidas pela verossimilhança nas descrições dos eventos e paisagens maravilhosas americanas. Diante disto, este presente trabalho tem por objetivo analisar o discurso de cronistas e conquistadores como: Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Fray Juan de Santa Gertrudes, Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés, Juan de Castellanos e Juan Freile, que auxiliaram a construção do mito do Paraíso Terrestre e o *El Dorado*, sob a ótica do Realismo Mágico definido por autores como: Carpentier, Pietri e Chiampi. Deste modo, exemplificar como a literatura colonial através do discurso de alguns dos seus expoentes desempenhou um importante papel na construção de ideologias e imagens paradisíacas ao longo da história latino americana que refletem até os dias atuais.

Palavras-chave: literatura colonial; Realismo Mágico; Mitos e Lendas; Cronistas das Índias.

RESUMEN

En 1492, Cristóbal Colón llega a las tierras americanas, que pasarán a representar, a partir de este entonces, una novedad misteriosa e instigadora a los ojos europeos. En los relatos posteriores de los conquistadores, exploradores y viajeros, encontramos referencias a obras literarias y mitos que rodearon el imaginario europeo en las descripciones de las nuevas tierras. Estos relatos fortalecieron la imaginación popular y generaron nuevas leyendas acerca de las tierras americanas, fortalecidas por la verosimilitud en las descripciones de los eventos y paisajes maravillosos. En este sentido, este trabajo tiene por objeto analizar el discurso de cronistas y conquistadores como: Cristóbal Colón, Américo Vespucio, Fray Juan de Santa Gertrudes, Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, Juan de Castellanos y Juan Freile, bajo la óptica del Realismo Mágico definido por autores como: Carpentier, Pietri y Chiampi. De este modo, ejemplificar cómo la literatura colonial, a través del discurso de algunos de sus exponentes, desempeñó un importante papel en la construcción de ideologías e imágenes paradisíacas a lo largo de la historia latinoamericana que reflejan hasta los días actuales.

Palabras clave: literatura colonial; Realismo Mágico; Mitos y Leyendas; Cronistas de Indias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – MAPA "TO"	16
FIGURA 2 - MAPA "TO" COM ILUSTRAÇÕES.....	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. ENTRE O REAL E O ABSTRATO	15
1.1 UM NOVO OLHAR PARA A REALIDADE	15
1.2 REALISMO MÁGICO.....	17
1.3 ENTRE O REALISMO MÁGICO E O FANTÁSTICO	19
1.4 OS LIMITES ENTRE O MITO E A LENDA.....	22
2. AS LENDAS AMERICANAS.....	24
2.1 O PARAÍSO AO ALCANCE DE TODOS	24
2.2 A TERRA DOURADA	29
3. A MAGIA AMERICANA.....	33
3.1 O PARAÍSO TERRESTRE ESTÁ AQUI.....	33
3.1.1 NAS PALAVRAS DO ALMIRANTE	33
3.1.2 NA VISÃO DO EXPLORADOR	39
3.2 A TERRA DOURADA	42
3.2.1 A COLINA DO EL DORADO	43
3.2.3 O HOMEM DOURADO.....	45
3.2.3 O GUATAVITÁ	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS.....	55

INTRODUÇÃO

Os primeiros relatos sobre as terras americanas nos falam de um lugar maravilhoso onde o verde é predominante, o clima é ameno e agradável, cercado de árvores de todos os tipos e tamanhos, águas cristalinas em abundância: uma terra fértil e aparentemente próspera. A ‘verdadeira’ visão do paraíso.

Entretanto, os escritos sobre a ‘descoberta’ e ‘conquista’ da América vão muito além de uma visão paradisíaca, se mesclam com mitos, lugares e personagens fantásticos dos romances de cavalaria e relatos de viagem amplamente difundidos na época. Ao mesmo tempo em que na Europa começam a surgir as cidades, o comércio e o pensamento científico, através do período conhecido como Renascimento, Airola e Beer (2000, p.35) nos lembram que: “Concomitante a esse modernismo extraordinário, persistia uma visão medieval do mundo, impregnada de mitos relativos à existência de criaturas fabulosas e lugares fantásticos [...]”. Deste modo, o real e o extraordinário se misturam nestes escritos de tal forma que aquilo que deveria ser considerado absurdo modifica o real e acaba se tornando ‘verdade’ no imaginário popular, pois esta mesma verdade acaba por se perpetuar ao longo os anos, fazendo parte da nossa realidade de maneira implícita.

Impulsionados não somente por motivações de ordem econômica, mas também pelo método empírico em voga no momento, no qual se fazia necessário descobrir, analisar, descrever e catalogar tudo aquilo que a América dispunha de novo aos olhos europeus. Para tanto, os cronistas e conquistadores traziam em suas bagagens além do vasto conhecimento bíblico e dos mitos gregos e romanos que pouco a pouco eram retomados, outros diversos relatos de viagens de personagens, fictícios ou não, e exploradores da era medieval. Personalidades como: Marco Polo e o seu ‘Livro das Maravilhas’, Juan de Mandeville e a ‘Viagem de Ultramar’, as hagiografias e escritos de São Brandão, que após sete anos de peregrinação alcançou o Paraíso Terrestre, e de Santo Isidoro de Sevilla, além da contribuição dos relatos geográficos de Ptolomeu, do Cardeal Pierre d’Ailly e seu ‘*Imago Mundi*’, os bestiários medievais, todos exerceram uma influência muito forte nos escritos dos primeiros navegadores. Em suas cartas e diário de bordo, Cristóvão Colombo citava livremente o ‘Livro das Maravilhas’, sobretudo por narrar as aventuras e desventuras de Marco Polo quando esteve a serviço do Gran Khan. O Almirante se guiava pelas descrições das ilhas próximas às índias, como Cipango, que seria o atual Japão, pois assim acreditava estar traçando uma rota

segura. Do mesmo modo tomou por referência o '*Imago Mundi*' que traz uma compilação das ideias medievais a respeito da geografia mundial, baseando-se em ideais religiosos. Portanto, Colombo construiu sua rota acreditando em obras permeadas pelo imaginário, não por fatos concretos, frente a isto Airola e Beer (2000, p.54) nos lembram que: "Graças a essas leituras, em um Renascimento pleno de inovações técnicas e convulsões ideológicas, Cristóvão Colombo forjou uma imagem curiosa do mundo, que seria uma projeção da Idade Média com sua geografia fantástica".

Ao chegar a América, Colombo pensou ter atingido o seu objetivo e alcançado as índias orientais, traçando assim um provável caminho para o comércio, já que havia sido fechada a rota da seda, o único caminho possível por terra. Diante da situação, do qual não encontrou as índias, o almirante não admitiu ter se equivocado, pelo contrário, passou a afirmar que havia chegado às portas do Paraíso Terrestre. Aparentemente tinha plena convicção disto, e depois desta afirmação a ideia foi seriamente considerada por outros conquistadores e cronistas, como; Américo Vespúcio, Antonio Pigafetta, André Thevet e León Pinelo. Através deles e de outros cronistas, o mito tomou proporções maiores. Do mesmo modo, surgiram outras especulações e afirmações, como a respeito de uma terra repleta de tesouros e ouro em abundância; o *El Dorado* e a Fonte da Eterna Juventude - que seria a explicação da longevidade e disposição dos nativos.

Além destas lendas e mitos, diversos outros povoaram o cenário americano e perpetuaram de tal maneira que passaram a nomear regiões, rios, animais e vegetais. Como exemplo o mito das indomáveis Amazonas, originária do imaginário grego, assumiu diversas localidades na América até que por fim se instalou no Brasil na expedição de Francisco de Orellana. Ou como o caso dos Gigantes Patagões, nativos da região do Chile e Argentina, assim batizados por Fernão de Magalhães, acabou por nomear toda uma região.

Todas estas especulações que geraram mitos e lendas a respeito das terras americanas exprimem os desejos e objetivos não alcançados destes homens formidáveis, que por não haverem encontrado à primeira vista o ouro e as especiarias que deveriam financiar suas viagens e seus futuros, encontraram maneiras de ampliar a localização destes tesouros. Quando encontrado em pequena quantidade, haveria ouro em abundância em outros sítios, gerando assim novos financiamentos e expectativas. Não havendo nada de valor, mas sim uma terra magnífica, apelaram para a religiosidade, buscando assim outras dimensões da realidade sem escapar do concreto (CHIAMPI, 1983).

O discurso de Cristóvão Colombo e outros cronistas ou conquistadores descrevem todas as novidades da América apresentando um novo ângulo da realidade. Naturalmente, enfrentaram um desafio ao descrever algo completamente desconhecido aos olhos europeus, e a melhor maneira que conseguiram para superar foi tomando como base toda a literatura conhecida para fazer comparações entre o que já perpetuava o imaginário europeu e toda aquela novidade a ser desvendada. Independente de existirem ou não crenças ou intenções por trás de seus discursos, os cronistas escreveram misturando o mágico com o real e conhecido pelos europeus. Atestam com tamanha segurança e veracidade aquilo que à primeira vista parece absurdo, que suas palavras acabam tomando conta da mente do leitor e se tornam algo absoluto. Diante disto, é importante mencionar que um dos pressupostos do Realismo Mágico é a perfeita convivência entre o real e o extraordinário, de modo que não há necessidade de explicar o que parece absurdo, pois o autor ou narrador transmite ao leitor uma sensação tão forte de naturalidade e verossimilhança que convence o leitor a respeito da existência do que foi mencionado. Deste modo, o Realismo Mágico expõe uma nova atitude do narrador diante da realidade.

Em vista disto, este estudo pretende analisar sob a ótica do Realismo Mágico um mito e uma lenda recorrentes na configuração histórica e conceitual da América: O Paraíso Terrestre e o *El Dorado*, presentes em diferentes crônicas. Desse modo, mostrar como a literatura colonial desempenhou um papel de fundamental importância na construção de ideologias e imagens ao longo da história americana, em especial na América Latina. Perpetuando, assim, imagens que dificilmente conseguiremos nos desvencilhar de terra mágica, paradisíaca, repleta de tesouros e mistérios.

Não há como negar que as raízes da literatura hispano-americana moderna estão nas crônicas das índias, uma mistura de historiografias, ensaios, narrativas quase ficcionais, poesias e diários de viagem. Como afirma Wahlström (2009, p.4) muitos estudiosos da literatura concordam ao garantir que a base para o realismo mágico se encontra nas crônicas das índias. Com efeito, tais textos se apresentam como um gênero heterogêneo, possuem valor literário e histórico ao mesmo tempo; “Hayenlas crónicas también rasgos literarios notables, [...] Efectivamente, se puede hablar de un género híbrido entre la historia y la literatura.”(Wahlström. 2009, p.4)¹, ou seja, tudo o que podemos pensar a respeito do descobrimento da América toda imagem que podemos conceber vem dos escritos dos cronistas. Como nos disse Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro “Visão do Paraíso”:

¹ “Nas crônicas existem também traços literários notáveis, [...] Efectivamente, pode-se falar de um gênero híbrido entre a história e a literatura.” (Tradução nossa).

“Não admira se, em contraste com o antigo cenário familiar de paisagens decrepitas e homens afanosos, sempre a debater-se contra uma áspera pobreza, a primavera incessante das terras recém-descobertas devesse surgir aos seus primeiros visitantes como uma cópia do Éden. [...] Marcando tão vivamente os começos da expansão das nações ibéricas no continente, era inevitável, não obstante, que o mesmo tema paradisíaco chegasse a imprimir traços comuns e duradouros à colonização das várias regiões correspondentes à atual América Latina.” (2000, p.X, XI).

Portanto, as crônicas das índias representam não somente as raízes de um gênero intimamente latino-americano, como é o realismo mágico, também demonstram com maior profundidade o que impregnou na identidade latino-americana. Em todo um conjunto de símbolos imagéticos construídos ao longo da história em torno de uma terra que simbolizava o novo, o recomeço, a reconstrução de uma Europa desgastada pelo tempo. A principal motivação deste trabalho é entender como surgiram estas imagens, que podem transparecer-se favoráveis ou desagradáveis de acordo com a forma como são transmitidas.

De modo a desenvolver este estudo, no primeiro capítulo serão definidos e contrastados os conceitos de mito e lenda, tomando como base os estudos de Mircea Eliade e Carlos Ceia, e estabelecendo uma fronteira entre o Realismo Mágico e Fantástico, definido segundo Todorov, Irlema Chiampi, Uslar Pietri e Carpentier. No segundo capítulo serão relacionados e demonstrados os mitos e lendas a respeito do Paraíso Terrestre e *El Dorado*, objeto de estudo deste trabalho. No terceiro capítulo serão feitas análises de fragmentos de cartas e crônicas nas quais aparecem os mitos e lendas supracitados, e por fim como estes refletem seus ideais até os dias atuais.

1. ENTRE O REAL E O ABSTRATO

1.1 UM NOVO OLHAR PARA A REALIDADE

No decorrer de suas viagens, apesar de claramente haver fracassado em seu objetivo, Colombo por diversas vezes afirmou ter chegado às ilhas orientais. Passando pela célebre Cipango, em breve chegaria às terras do Gran Khan, imperador da China, por onde passam todas as riquezas da Ásia. Entretanto, houve muitas provas de seu equívoco. Nenhum tripulante encontrou cidades grandiosas, bem povoadas, nem palácios. Apenas habitantes desnudos e muita vegetação por toda parte, alguns destes habitantes eram extremamente “rudes” na visão e descrição do explorador europeu, e também havia canibais. Outros pareciam ser dóceis e fáceis de manipular, por conta de sua admiração a objetos sem valor, na visão dos tripulantes, trocando-os por qualquer metal ou pedra que o europeu julgasse importante, como podemos ver neste trecho da primeira viagem de Colombo:

“[...] por la gana de haber de nuestras cosas, y teniendo que no se les ha de dar sin que den algo y no lo tienen, toman lo que pueden y se echan luego a nadar; mas todo lo que tienen lo dan por cualquier cosa que les den; que fasta los pedazos de las escudillas y de las tazas de vidrio rotas rescataban, fasta que vi dar diez y seis ovillos de algodón por tres ceotís de Portugal, que es una blanca de Castilla, y en ellos habría más de una arroba de algodón filado. Esto defendiera y no dejara tomar a nadie, salvo que yo lo mandara tomar todo para V. A. si hobiera en cantidad. Aquí nace en esta isla, mas por el poco tiempo no pude dar así del todo fe, y también aquí nace el oro que traen colgado a la nariz; mas, por no perder tiempo quiero ir a ver si puedo topár a la isla de Cipango².”(Colombo, 2002, p.32).³

Apesar de admitir que não havia encontrado ouro em quantidade suficiente, em nenhum momento Colombo descarta a possibilidade de existir uma mina grandiosa, capaz de abastecer a sede por riquezas de toda a Espanha. Em todas as ilhas por onde passou, encontrou situações parecidas, sempre deixando claro a gentileza, amabilidade e vocação para subjugar-se a um rei e também catequizar-se por parte dos nativos. Até o momento em que descobriu mais terras, e após uma breve viagem de reconhecimento percebeu que havia chegado a uma terra

²Ao referir-se a Cipango, Marco Polo citava o Japão.

³ “[...] pela vontade de ter nossas coisas, e sabendo que não receberão sem dar algo e não tendo, pegam o que podem e depressa saem nadando; mas tudo o que possuem dão por qualquer coisa que lhes deem; que até os pedaços de tigelas e das taças de vidro quebradas levavam, inclusive vi dar dez ou seis bolas de algodão por três ceotís (antiga moeda de cobre) de Portugal, que é uma branca de Castilha, e neles havia mais de uma arroba de algodão refinado. Protegi e não deixei ninguém pegar, o que foi protegido mandaria todo a Vossas Altezas si houvesse em quantidade. Aqui tudo nasce nesta ilha, mas pelo pouco tempo que fiquei não pude ver tudo, e aqui também nasce o ouro que trazem pendurado no nariz; mas, para não perder tempo que ver se consigo encontrar a ilha de Cipango.” (Tradução nossa).

com uma dimensão bem maior do que encontrou antes, e lá não havia nenhum palácio e nenhum sinal de civilização.

Diante dos fatos, Colombo nunca deixou de acreditar que havia alcançado as índias orientais, e buscar provas para suas afirmativas, até o momento de sua morte. Suas viagens e relatos estão repletos de falsas evidências sobre as riquezas desse lugar, principalmente quando cita o discurso dos nativos americanos, ao afirmar que haveria ouro em abundância em algum lugar não muito longe dali. De fato, havia riquezas, mas não foi o suficiente para a ganância europeia e Colombo não obteve a sorte de caminhar até o final do rastro do ouro.

Todos que acompanhavam o almirante começaram a perceber que não havia nenhuma Índia, nenhum nativo declinado a vassalagem e nenhum indício de prosperidade. Cansados, os tripulantes e os financiadores começaram a hostilizar Colombo. Suas promessas começaram a se tornar um sonho distante, quase um pesadelo. Não havia uma terra de brisa suave e temperatura agradável, mas sim terríveis furacões, destruindo o sonho perfeito de construir colônias e viver subjugando os nativos. Estes não eram bons serviçais nem excelentes pagadores de tributos, mas sim adoradores de Satanás, assassinos natos totalmente declinados a preguiça, de acordo com cronistas que visitaram a América após Colombo.

Diante do fracasso iminente, o almirante muda o seu discurso e passa a moldar a realidade de acordo com o seu próprio interesse. Se ele não pôde ser o grande conquistador, era o *messias*, aquele a quem o próprio Deus havia permitido se aproximar e revelar para todo o mundo as portas do Paraíso Terrestre. Começa, então, a mostrar evidências da aproximação com o jardim do Éden, pela grande quantidade de água doce, a brisa suave, a incerteza da bússola, a vitalidade dos nativos, as árvores grandes e frondosas, são muitos os sinais. O mais importante de todos; se apoiou em teses medievais que apontavam a localização do paraíso no extremo oriente do mundo, onde ele ainda afirmava ter desembarcado. Desse modo, Colombo passou a reestruturar seu discurso, apresentando um novo olhar sobre a América, dando ênfase a certos elementos que compunham o cenário, acrescentando a eles uma expectativa, uma significação diferente, magia, e assim sustentar a sua tese. Desse modo, fez com que a Europa continuasse a enxergar o mundo pela ótica da religiosidade, afastando-se assim do seu próprio fracasso. O fez de maneira tão brilhante que, outros conquistadores e cronistas que vieram depois deram continuidade a sua perspectiva em relação à América.

1.2 REALISMO MÁGICO

Como visto anteriormente, Colombo enxergou na América a concretização dos sonhos prósperos e uma terra fértil para a materialização de antigos mitos. Sem muitos referentes para explicar o novo, Colombo e tantos outros exploradores utilizaram os referenciais já conhecidos que faziam parte do imaginário europeu, sendo eles fictícios ou não. A respeito disto, Chiampi identifica as crônicas das índias como um ponto de origem para o realismo mágico:

“Los antecedentes fabulosos prefiguran el discurso americanista, pero su comienzo es, en rigor, esse interpretante forjado en el momento del Descubrimiento y de la conquista por los cronistas del Nuevo Mundo. Con ellos se inicia el concepto de “maravilla”, recogido de las antiguas tradiciones y rejuveneciendo en el fulgurante momento en que América se hace un referente real.[...] se hace mediante la incorporación de mitos y leyendas de los testimonios narrados por los primeros viajeros. Son frecuentes en los cronistas expresiones como ‘encantamiento’, ‘sueño’, ‘maravilla’, ‘no sé como contar’, ‘me faltan palabras’, que si bien denotan el asombro natural ante lo desconocido, reflejan también la falta de referencia para los nuevos objetos, seres y fenómenos.” (Chiampi, 1997, p.125)⁴

Um dos pressupostos do realismo mágico é trazer um novo olhar para a realidade, mesclando o que é concreto e perceptível com o subjetivo, o esotérico, o estranho e o mágico, permitindo enxergar de maneira diferente as situações apresentadas. O realismo mágico propõe um novo ângulo de visão sobre a realidade. A respeito disto, Chiampi nos fala:

“[...] la adopción del término realismo mágico revelaba la preocupación elemental de constatar una ‘nueva actitud’ del narrador ante lo real. [...] Y ese modo extraño, complejo, muchas veces esotérico y lúdico fue, identificado genéricamente con la magia.” (1997, p.23)⁵

O termo realismo mágico surgiu para designar um estilo literário de renovação ficcional que surgiu na América Latina na década de 40 através de autores como: Miguel Ángel Asturias, Alejo Carpentier, José Maria Arguedas, entre outros. Obteve um número maior de obras durante o *boom literário* nas décadas de 1960 e 1970. Este estilo é moldado logo após as expressões artísticas pós-modernas, advindas da Europa e adaptadas na América

⁴ “Os antecedentes fabulosos prefiguran o discurso americano, mas o seu começo é, na realidade, a interpretação forjada no momento do Descobrimento e da conquista pelos cronistas do Novo Mundo. Com eles inicia-se o conceito de maravilha, retirado das antigas tradições e rejuvenescido no esplêndido momento em que a América se torna um referente real [...] acontece mediante a incorporação de mitos e lendas geradas por testemunhos narrados pelos primeiros viajantes. São frequentes nos escritos dos cronistas expressões como ‘encantamento’, ‘sonho’, ‘maravilha’, ‘não sei como contar’, ‘faltam-me palavras’, que demonstram bem o assombro natural diante do desconhecido, refletem também a falta de referenciais para os novos objetos, seres e fenômenos.” (Tradução nossa)

⁵ “a adoção do termo realismo mágico revelava a preocupação elemental de constatar uma ‘nova atitude’ do narrador diante do real. [...] E esse modo estranho, complexo, muitas vezes exotérico e lúdico, foi identificado genericamente com a magia.” (tradução nossa).

Latina. Quando um grupo de escritores fascinados pelos mistérios e histórias fabulosas da mitologia indígena, ou do resultado da mistura das culturas que povoaram essas terras, perceberam, nas palavras de Pietri:

“Lo que salía de todos aquellos relatos y evocaciones era la noción de una condición peculiar del mundo americano que no era posible reducir a ningún modelo europeo. Se pasaban las horas evocando personajes y situaciones increíbles.[...] Nos parecía evidente que esa realidad no había sido reflejada en la literatura. Desde el Romanticismo hasta el Realismo del XIX, y el modernismo, había sido una literatura de mérito variable, seguidora ciega de modas y tendencias de Europa.”(2002, p.275)⁶

Portanto, o realismo mágico surgiu como uma das primeiras expressões originalmente americanas, sem espelhar-se em nenhum estilo europeu. Atendendo, assim, a necessidade de expressar sua cultura tão heterogênea e repleta de fantasmas e marcas do passado que convivem conosco diariamente, para lembrar-nos de nossas raízes ancestrais. Essa é a bruma que está no olhar do escritor, é o subjetivo, é a realidade americana pouco conhecida e mal expressada. Ao que Pietri (2002) nos lembra que o realismo mágico veio como uma reação contra a literatura descritiva e imitativa do padrão Europeu que não se encaixava na realidade americana, que considera mais ampla.

Em 1925 o crítico de arte Franz Roh já havia cunhado o termo que mais tarde designaria este estilo literário, o fez para nomear a produção pictórica pós-expressionista alemã, que tinha como objetivo representar as coisas concretas revelando o mistério que ocultavam. O elemento mágico ao qual se referia seria não somente para caracterizar a produção pictórica do momento pós-expressionista, seria para algo maior que se perpetua ao longo dos anos e das metamorfoses ao qual o nosso mundo passa, a capacidade humana de percepção da subjetividade.

Com efeito, o realismo mágico está diretamente relacionado à atitude do narrador diante das situações cotidianas. Vivenciamos uma realidade misteriosa, perpetuada pelos elementos mágicos, e cabe ao narrador adivinhá-la, descobri-la ou negá-la. Assim, não seria tornar real o sobrenatural, mas conseguir perceber no cotidiano o incomum como elemento mágico. Enfrentar a realidade e descobrir o que há de misterioso nela.

O realismo mágico proporciona uma convivência harmônica entre o real e o extraordinário. O autor identifica o fator mágico em meio ao já conhecido e cotidiano e nos

⁶“O que saía de todos aqueles relatos e evocações era a noção de uma condição peculiar do mundo americano que não era possível reduzir a nenhum modelo europeu. Passavam as horas evocando personagens e situações incríveis. [...] Parecia-nos evidente que essa realidade não havia sido refletida na literatura. Desde o romantismo até o realismo do século XIX, e o modernismo, tinha sido uma literatura de mérito duvidoso, seguidora cega das modas e tendências da Europa.” (Tradução nossa).

mostra como é tão natural quanto o desabrochar de uma flor. Mediante o exposto, Llarena (1997) afirma que no realismo mágico não existe a necessidade de explicar os acontecimentos extraordinários, pois o discurso do autor ou narrador faz uso da verossimilhança de maneira tão perfeita que provoca a sensação no leitor que o fato mencionado já existia, que faz parte da própria realidade. Quanto à estrutura do realismo mágico, convém mencionar as seguintes características; trata o elemento mágico com neutralidade, não questiona a realidade e geralmente apresenta o narrador observador.

Diante das características expostas, é relevante dizer que os cronistas representaram aquilo que era novo, desconhecido e misterioso na América, do concreto e palpável ao estranho e mágico com a mesma naturalidade e ‘neutralidade diante dos fatos’. O sobrenatural nas crônicas é resultado do deslumbramento dos europeus frente às novidades da nova terra, ainda sob a influência das imagens lendárias medievais, marcadas pela forte religiosidade.

O fator religioso é fundamental ao estudarmos as crônicas das Índias, pois serve como fundamentação teórica para a explicação e aceitação do sobrenatural, como uma maravilha advinda do poder de Deus. A fé, naqueles tempos, era o maior argumento para aceitação e reestruturação da realidade, pois os acontecimentos sobrenaturais entram como manifestação divina, algo extraordinário, mas não impossível, como Falquete (2007) pontua.

1.3 ENTRE O REALISMO MÁGICO E O FANTÁSTICO

Segundo Pietri (2002), alguns críticos afirmam que os precedentes do realismo mágico estão na literatura fantástica e nas novelas de cavalaria. Entretanto, o que caracteriza o realismo mágico não é tão somente uso constante do elemento fantástico se sobrepondo a realidade conhecida, pelo contrário, este propõe um novo olhar para as situações apontando o elemento mágico que sempre esteve ali, mas nunca foi percebido. Mesmo diante do absurdo, o narrador mantém-se tranquilo e nos relata naturalmente o que aconteceu.

Convém lembrar, entretanto, que diversos cronistas, como o próprio Colombo, referiram-se diversas vezes a elementos e visões das novelas de cavalaria, em especial o célebre “*Amadís de Gaula*”. Os cronistas tinham como referentes válidos, aos olhos europeus, as descrições de cenários retirados dos livros de cavalaria e dos relatos de viagem medievais. Tais relatos lhes forneceram imagens familiares para descrever os cenários americanos totalmente desconhecidos na Europa, uma maneira de simplificar a narrativa e abreviar os

textos. A respeito da influência que este gênero literário exercia na mentalidade europeia, Wahlström (2009) nos relata como a novela de cavalaria foi além da imagem:

“Al igual que las cintas cinematográficas de hoy día, esta literatura ejerció una profunda influencia en la conducta, la moral y el pensamiento de la sociedad de su tiempo, y propició la aceptación de valores artificiales y de falsas actitudes con respecto a la realidad... y puso algún color en la existencia gris de los lectores, quienes, [...] continuaron hallando en ellas retratos auténticos de la vida, de los que adquirieron no sólo modalidades de conducta e ideas sobre una realidad más amplia, sino una incitación para las hazañas.” (2009, p.11)⁷

Faz-se necessário, então, estabelecer um limite entre o que é o fantástico e o realismo mágico. Comumente nomeamos tudo aquilo que transpõe a realidade como fantástico. Se buscarmos, no dicionário Aurélio a definição do que é fantástico e do que é magia, vamos perceber que fantástico está ligado ao que só existe na imaginação, algo quimérico, fingido, imaginativo e exótico. Se por outro lado buscarmos a definição de magia, vamos ver que está ligada a atos extraordinários e sobrenaturais, ao encanto e a fascinação. A magia usa elementos reais para produzir um novo significado. Então, podemos perceber que existe uma relação com a realidade quando falamos de algo mágico, diferente do fantástico, que é estreitamente ligado à imaginação, ao fingimento, ao irreal.

No campo literário, Todorov (2003) nos diz que o fantástico acontece mediante a hesitação experimentada por alguém que só conhece as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. Do mesmo modo que o realismo mágico, o fantástico traz elementos que transpõem a realidade na narrativa. No realismo mágico o narrador ou o personagem encara com naturalidade ou neutralidade o evento extraordinário. No fantástico o mesmo narrador transmite ao leitor um sentimento de hesitação, de dúvida ou de puro estranhamento. Esse sentimento pode vir acompanhado pelo medo ou temor do personagem diante do evento. A respeito disto podemos citar Falquete (2007):

“[...] o relato fantástico tende a provocar medo no leitor. O medo é o resultado da falta de certeza, do embate com o desconhecido e o inexplicável. Como o fantástico está justamente na dúvida entre o explicável e o inexplicável, o leitor se sente incomodado e, às vezes, amedrontado.” (2007, 49)

No fantástico o personagem passa por situações onde o fator sobrenatural transpõe a realidade e ele percebe e o questiona. Além disto, sempre é possível existir uma explicação,

⁷“Igual as películas cinematográficas de hoje em dia, esta literatura exerceu uma profunda influência na conduta, na moral e no pensamento da sociedade do seu tempo, e proporcionou a aceitação de valores artificiais e falsas atitudes a respeito da realidade... E pôs alguma cor na vivência acinzentada dos leitores, os quais, [...] continuaram encontrando neles relatos autênticos da vida, deles adquiriram não somente modos de conduta e ideias sobre uma realidade mais ampla, como também um convite para os grandes feitos.” (Tradução nossa).

seja no início ou final da narrativa, para o evento. Quando há, esta explicação normalmente se associa a elementos reais, e mesmo que seja um elemento advindo de uma explicação absurda ou ela não exista, este mesmo elemento convive na narrativa ao longo da história gerando dúvida, angústia e desestabilizando os pensamentos dos personagens. O questionamento que se traduz na hesitação, no descrédito constante que aparece na fala do narrador ou do personagem e serve como base para desenvolver a narrativa.

Entre os relatos dos cronistas citaremos um trecho de uma carta de Américo Vespúcio em suas viagens pela América, ao passar pela Ilha de Curaçau, descrevendo para os reis espanhóis o ambiente e os nativos americanos. Não encontramos aénenhumindício de hesitação:

“ [...]nosotros, viendo a mujeres tan grandes, acordamos raptar dos de ellas, que eran jóvenes de 15 años, para hacer un regalo a estos Reyes, pues sin duda eran criaturas que excedían la estatura de los hombres comunes. Y mientras que estábamos en esto, llegaron 36 hombres y entraron en la casa donde estábamos bebiendo, y eran de estatura tan elevada que cada uno de ellos era de rodillas más alto que yo de pie: en conclusión eran de estatura gigantes, según el tamaño y proporción del cuerpo, que correspondía con su altura; que cada una de las mujeres parecía una Pentesiles, y los hombres Anteos; [...] Viven 150 años y pocas veces se enferman, y si caen en una mala enfermedad a sí mismos se sanan con ciertas raíces de hierbas. Estas son las cosas más notables que conocí acerca de aquéllos. [...] No son cazadores, pienso porque habiendo allí muchas generaciones de animales silvestres, y máxime leones y osos e innumerables serpientes y horribles y deformes bestias, etiamselvas grandísimas y árboles de inmenso tamaño, no se atreven a exponerse desnudos, y sin defensa, algunas ni armas, a tantos peligros.”(VESPÚCIO apud MEDINA, 1994, p. 141, p.144)⁸

Ao citar eventos aparentemente extraordinários, como a longevidade dos índios, a altíssima estatura e a presença de bestas horríveis e disformes, em nenhum momento Vespúcio transparece qualquer dúvida ou hesitação, afirma com tamanha eloquência que nos faz crer em seu relato. Para dar maior credibilidade ou proporcionar uma visão aproximada ao fato, quando menciona a existência de gigantes, faz comparação ao gigante *Anteo*, da mitologia grega, que voltava a exercer grande influência no pensamento europeu. Podemos perceber o distanciamento das crônicas do gênero fantástico, pois o que poderia ser um elo unindo aos dois gêneros seria a presença do elemento estranho; no fantástico ele gera dúvida e no

⁸ “[...] nós, vendo mulheres tão grandes, concordamos em raptar duas delas, que eram jovens de 15 anos, para apresentar estes Reis, pois sem dúvidas eram criaturas que excediam a estatura de homens comuns. E enquanto estávamos nisto, chegaram 36 homens e entraram na casa onde estávamos bebendo, e tinham uma estatura tão elevada que um deles de joelhos era mais alto que eu de pé: concluindo eram de estatura gigantesca, de acordo com o tamanho e proporção do corpo, que correspondia com sua altura; ao qual cada uma das mulheres parecia uma Pentesiles, e os homens um Anteos; [...] Vivem 150 anos e poucas vezes adoecem, e si caem em uma grande enfermidade se curam com raízes de ervas. Essas são as coisas mais notáveis que conheci a cerca daqueles. [...] Não são caçadores, penso porque havia ali muitas gerações de animais silvestres, e o máximo de leões e ursos e inumeráveis serpentes, e bestas horríveis e disformes, estavam entre selvas grandessíssimas e imensas árvores, não se atrevem a se expor desnudos, sem defesa, alguns sem armas, a tantos perigos.” (Tradução nossa).

realismo mágico ele se torna verdade. Assim, quando Colombo muda o seu discurso e passa a enxergar diferentes nuances na realidade, a América começa a ser inventada, como nos disse Edmundo O’Gorman (1995), as imagens criadas por Colombo passam a se mesclar com a realidade criando expectativas a respeito do *novo mundo*, dando origem a uma América idealizada e utópica.

1.4 OS LIMITES ENTRE O MITO E A LENDA

Ainda que muitos nomeiem as histórias nascidas do imaginário popular espanhol como mitos, o que podemos perceber é que nem todas as histórias se transformaram em mitos. O Paraíso Terrestre é um mito, mas sua localização, onde a Divina Providência havia plantado seu Jardim do Éden, se transformou em uma lenda.

Uma lenda é uma narração que se transmite por gerações, de forma oral ou escrita, que não possui nenhum significado especial ou de grande importância, não pede explicações nem tem cunho religioso. O *El Dorado* nasceu de uma ambição dos conquistadores em buscar riquezas nas novas terras, se perpetuou por meio da tradição oral e escrita, permaneceu como um sonho construído pouco a pouco e transmitido por meio da literatura.

Segundo Eliade (1972), o mito é a união da história (que supõe verdade) com o sagrado (que é obra do sobrenatural). Mito sempre se refere a criação de algo, como isto passou a existir e como desenvolveu um padrão de comportamento. O mito, para Eliade (1972) se refere a uma experiência religiosa ligada a eventos fabulosos, subjetivos, distanciados do mundo real, como se apenas existissem em um mundo sobrenatural. Neste sentido, o que se assemelha a um mito é o Paraíso Terrestre.

Descrito na Bíblia, possui uma função didática, em geral os mitos nos ensinam ou nos disciplinam a atingir um objetivo. No livro sagrado, são relacionados modelos e padrões de comportamento, então, se em vida o homem não cumpre tais regras, se não demonstra um comportamento adequado às perspectivas celestiais, não alcançará o paraíso.

Entretanto, a imagem do Paraíso que foi criada nas terras americanas está distante de ter qualquer sentido didático, é apenas um objeto de desejo, um produto que todos gostariam de adquirir. Foi uma estratégia, inicialmente para garantir novos financiamentos a expedições, depois para favorecer a imigração e colonização da América. Com o passar do tempo, os espaços foram ocupados, mas a imagem de terra fértil, exuberante, de clima ameno e águas

abundantes se transformou em uma verdadeira lenda, não somente para o europeu, mas para o próprio americano também.

A partir do mito do Paraíso Terrestre, já difundido no velho mundo europeu, nasceu a lenda da América paradisíaca, que todos gostariam de conhecer. A imagem do paraíso se tornou um fio condutor para as lendas que nasceram na terra Americana, como a lendária cidade do *El Dorado* que originou a sede por riquezas sem fim - e até hoje não foi encontrada.

2. AS LENDAS AMERICANAS

2.1 O PARAÍSO AO ALCANCE DE TODOS

“ Depois o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, da banda do oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. O Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista e boa em frutos comestíveis; e a árvore da vida no meio do jardim e a árvore da ciência do Bem e do Mal.” (Gênesis, 3, 24).

O Paraíso sempre foi uma ambição humana. Viver em meio à criação divina em seu estado puro, desfrutar das delícias de um jardim onde tudo existe e foi moldado em meio a absoluta perfeição sempre foi o desejo de todos os homens, pois cada um possui sua própria concepção de paraíso. A América sempre existiu, mas bastou um novo olhar para que se transformasse no paraíso terrestre.

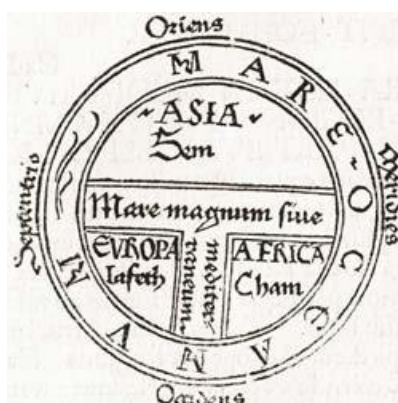
Durante o período conhecido como Idade Média, a cultura, a ciência e a geografia se encontraram acorrentadas a Igreja, servindo-lhes quando e se necessário às suas ideologias. A Igreja impunha sua fé nos eventos descritos pela Bíblia, um deles é o Jardim do Éden. Diversas religiões, cultos e mitologias descrevem suas próprias versões do paraíso. Como a exemplo dos Campos Elíseos na mitologia grega, acessível após a morte para os homens virtuosos, rodeados por paisagens verdes e floridas onde não há dor e sofrimento, apenas as delícias a que o homem pode desfrutar. Pellicer (2009) nos lembra que os mitos da idade do ouro e os Campos Elíseos se transformaram em conceitos cristãos, ou seja, mudam-se os nomes, mas a essência permanece. O paraíso é a expressão do desejo inconsciente do ser humano.

Portanto, o Jardim do Éden é o ambiente da criação. Um jardim bem protegido por querubins, um terreno fértil onde tudo cresce espontaneamente e em abundância, repleta de árvores frondosas que fornecem todo tipo de alimento, onde os animais vivem em perfeita harmonia com águas abundantes, e o clima perfeito, pois não há frio nem calor, situada no alto de uma montanha coberto de gemas preciosas e ouro. Ali permanece intacto e protegido das águas do dilúvio. No jardim há uma fonte, de onde brotam os quatro rios principais que banham a superfície terrestre; o Pisom, Giom, Tigre e Eufrates, segundo Airola e Beer (2000).

O ‘Romance de Alexandre’, história escrita no século III de nossa era, que narra as aventuras de Alexandre o Grande, e traz em si um grande número de lendas medievais, conta que certa vez durante sua conquista da Índia o imperador chegou a um rio imenso, o Ganges (posteriormente associado ao Pisom) e decidiu seguir seu curso. Chegou a uma cidade cercada de muros, o Paraíso Terrestre (AIROLA e BEER, 2000). Há ainda, o relato de uma viagem de um frei franciscano que teria empreendido uma viagem em 1304, e ao penetrar no continente africano encontrou o Paraíso Terrestre. Este se encontra entre um círculo de montanhas tão altas que chegam bem próximas à lua, cercada por mares profundos e pela fonte dos quatro rios. Entretanto, à medida que os europeus avançam em suas viagens pela África, todos os mitos que deveriam se concretizar naquelas terras vão tomando outros rumos, alguns vão para a América.

Segundo Airola e Beer (2000), houve outras descrições do Paraíso Terrestre, porém coube a Santo Isidoro de Sevilha, em seu livro *Etimologias* situar o Éden na superfície do planeta. A ele é atribuída a autoria de um dos modelos mais antigos de mapas terrestres, os mapas “TO” (Fig. 1), com Jerusalém ao centro. Os três continentes conhecidos são representados pelos três filhos de Noé: Sem (Ásia), Jafet (Europa) e Cam (África). A Ásia estaria localizada no ponto mais alto do planeta, abaixo estariam a Europa e a África. Durante séculos este mapa foi aceito e reproduzido. Deste modo, situa o Paraíso na Ásia, ponto mais elevado do planeta no alto de uma montanha, praticamente inacessível ao homem, com um querubim às suas portas protegendo o seu acesso.

Figura I – Mapa “TO”

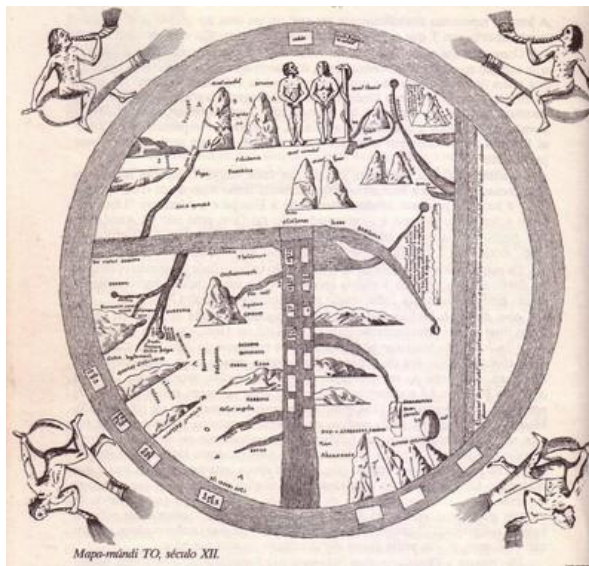


Fonte: NETO, 2008 - Biblioteca Luis Angel Arango.⁹

⁹Disponível em: <<http://www.lablaa.org/blaavirtual/exhibiciones/historia-natural-politica/hnp-04.html#>>
Acesso em: maio. 2017.

É possível ver com exatidão em outro modelo do mapa “TO” (Fig. 2) a localização do Jardim do Éden no ponto mais alto do planeta através dos desenhos que representam Adão e Eva ao lado da serpente.

Figura 2 – Mapa “TO” com ilustrações



Fonte: Site da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Paraná.¹⁰

Após os escritos de Santo Isidoro de Sevilha serem divulgados, inicia-se uma “grande era das lendárias viagens ao Paraíso” (HOLANDA, 2000, p. 205), multiplicam-se as especulações a respeito da localização do “Jardim das Delícias”, que seria uma tradução do Éden. A respeito das constantes mudanças no que diz respeito a localização, pois o ambiente físico permanece, Holanda (2000) nos diz:

“[...] o sítio da bem-aventurança, agora convertido numa espécie de réplica do Paraíso Terrestre, se situa no meio do oceano e pode deslocar-se daí por diante nos mapas, ora para o norte, ora mais para o oeste, à medida que vão progredindo os conhecimentos geográficos.” (p. 208).

Quando saiu em sua viagem buscando uma rota alternativa para as Índias Orientais, Cristóvão Colombo levou em sua bagagem um número significativo de referenciais medievais para orientar sua procura. Desde a segunda viagem à América, nada acontece como

¹⁰Disponível em:

<<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=401&evento=5>> Acesso em: maio. 2017.

haviaplanejado: “Desde el punto de vista político y mercantil, la expedición resultó ser un terrible desengaño: el almirante no pudo, como no podía, cumplir lo que su exaltada imaginación había prometido.”¹¹(O’ GORMAN, 1998. p. 14). Diante dos fatos, Colombo procura maneiras de comprovar que havia chegado à Ásia, e deste modo lembra aos seus financiadores que o ouro é importante, mas faltando um tesouro deste mundo, haverá o tesouro celeste. Passa, então, a afirmar que como um homem abençoado que foi, havia encontrado as portas do Paraíso Terrestre, como apontam Airola e Beer:

“Em maio de 1498, à frente de três navios, o Almirante adentrou o mar por uma rota inteiramente desconhecida. [...] No momento em que a pequena frota se aproximava do litoral americano na altura da atual Venezuela, as caravelas foram arrastadas pelas torrentes de águas doce que o Orinoco lança no oceano Atlântico. Essa conjunção de curiosas circunstâncias levou Colombo a conclusões surpreendentes. [...] o clima aqui é temperado, enquanto que a leste ele é tórrido, o que significa que os navios ‘subiram’ até uma altitude onde as temperaturas são mais clementes [...] A terra, concluiu então Colombo, não é redonda. Ela tem a forma de uma pêra [...] ela apresenta uma protuberância semelhante ao mamilo do ‘seio de uma mulher’; foi precisamente aí, nesses cumes, que a Providência ‘plantou’ o Paraíso Terrestre.” (AIROLA e BEER, 2000, p.55)

Para Colombo, a América reunia todos os elementos necessários para comprovar que nesta terra se encontra o Paraíso Terrestre, pela exuberância da vegetação, pelas árvores imensas, pela fertilidade do solo e variedade de gêneros alimentícios, pela grandiosidade dos rios, e o mais importante, pela temperatura sempre agradável, tão diferente da Europa. E este se tornou um tema recorrente em seus diários e suas cartas. Ele passou, então, a assumir uma postura diferente, de um homem verdadeiramente abençoado por Deus por ter revelado ao mundo o Paraíso Terrestre e censurou toda a cristandade por almejar apenas bens materiais quando a Divina Providência lhe havia permitido alcançar o Jardim do Éden. Como contam as diversas lendas a respeito do paraíso, o jardim estaria cercado abundantemente por outro e gemas preciosas, diante deste argumento Colombo conseguiu permissão para continuar com suas explorações, pois afirmava estar verdadeiramente perto das riquezas almejadas.

Surpreendentemente, outros que vieram após Colombo aceitaram e ajudaram a perpetuar essa suspeita, quase como uma certeza. Entre eles, Américo Vespúcio, os marinheiros da expedição de Magalhães, André Thevet e o jurista Antônio de León Pinelo, este último elaborou uma tese a respeito deste tema. Entre 1645 e 1650 Pinelo escreveu 838 páginas para comprovar que o paraíso se encontra na América (AIROLA e BEER, 2000, p.60), ‘O Paraíso no novo mundo’ se divide em dois livros, no primeiro Pinelo confronta

¹¹ “Desde o ponto de vista político e mercantil, a expedição resultou em um terrível desengano: o almirante não pode, como não poderia, cumprir o que sua exaltada imaginação havia prometido.” (Tradução nossa).

dezessete opiniões contrárias a localização no Novo Mundo, no segundo livro justifica suas opiniões.

Apesar das antigas afirmações sobre a localização do Paraíso Terrestre encontrar-se na parte oriental do mundo, Pinelo a refutou argumentando que a América está ao leste da Ásia, então o Paraíso Terrestre se encontra na América do Sul. Lá também está a fonte dos quatro rios: o Prata (Pisom), o Magdalena (Tigre), o Amazonas (Giom) e o Orinoco (Eufrates). A árvore do conhecimento do Bem e do Mal não produzia a maçã, como pensavam os Europeus (por conta das associações com as Ilhas Afortunadas e o Jardim das Hespérides da mitologia grega, negadas por alguns religiosos como Isidoro, mas aceita por outros como Pierre D'Ailly, retomada posteriormente por Colombo), o fruto proibido seria o maracujá, por seu aspecto, formato, cor e sabor teria levado Eva à perdição. Para Pinelo, o homem foi criado na América do Sul e durante o dilúvio Noé construiu sua arca entre os Andes peruanos e navegou até a Ásia. Para suas afirmações, Pinelo fez uso de cálculos matemáticos, estimativas sobre a altura dos montes andinos e do Monte Naugracot, onde Noé teria parado sua arca. Pinelo organizou o mito com amor, vontade e exatidão científica (PELLICER, 2009, p. 35).

A América demonstrou todos os sinais da mão do Divino em sua concepção, ao mesmo tempo que apresenta perigos dos mais tenebrosos aos inimagináveis, das bestas aos canibais e aos homens sem cabeça. O Paraíso é um local sagrado só acessível aos homens mortais por meio de mil perigos, como descritos nas peregrinações de São Brandão. Se o jardim das delícias está na América, nas suas cercanias encontram-se povos idólatras, corrompidos e subjugados pelas “hordas malditas”. Estão lá, à espera da libertação pelo povo cristão, como mencionado por Pinelo (2009): “Gente que aguardabala Luz del Evangelio entre el cautiverio de Ydolatria que lateníadestruida y acabada. Y cuya Tierra se halla cortada y dividida de los mayores Ríos que se conocen en el Universo.”¹² (PINELO, apud PELLICER, 2009, p. 36). Ao Europeu foi incumbida a missão de ‘libertar’ esta terra sagrada de todo o mal que a imaginação pode criar.

Essa imagem paradisíaca permaneceu por séculos, e como afirma Hollanda (2000) a crença da proximidade com o Paraíso Terrestre deixou de ser uma sugestão metafórica ou uma fantasia, passou a ser uma ideia fixa que acompanhou ou precedeu as atividades dos conquistadores na América. A exemplo disto, encontramos referenciais nas cartas e crônicas de Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio.

¹² “Gente que aguardava a Luz do Evangelho entre o cativeiro de Idolatria que estava destruído e acabado. E cuja Terra se encontra cortada e dividida pelos maiores Rios que se conhecem no Universo.” (Tradução nossa).

2.2 A TERRA DOURADA

“UN DÍA me contó don Juan Quiñones, el tiempo que estuve en su mina, que un indio hacía tiempo que le prometía que le enseñaría El Dorado.” (SANTA GERTRUDIS apud MEDINA, 1992)

O ouro é sem dúvidas um dos mais antigos objetos cobiçados pelo homem. Há milhares de anos está associado a nobreza e a riqueza. A partir do sexto século antes de Cristo o ouro obteve valor comercial, quando foram cunhadas as primeiras moedas pelo Rei Creso da Lídia. Assim como o metal, o valor comercial do ouro nunca perdeu o seu brilho e importância, e com o passar dos anos tornou-se mais requisitado. Ao primeiro sinal da existência do metal dourado, os aventureiros e conquistadores não descansaram até encontrá-lo na América.

A Europa sentia a necessidade do ouro, e esta busca deu origem a histórias fantásticas relacionadas à sua localização em países longínquos, de paisagem extraordinária, protegidos por reis poderosos que possuíam ouro em quantidades absurdamente gigantescas. Do mesmo modo quando Marco Polo (1989) fala a respeito dos costumes da província de Cardandan, cujos habitantes possuem os dentes banhados a ouro, na tentativa de mensurar a riqueza do Gran Khan, seu palácio e seus costumes, ou ainda quando tenta descrever o incrível palácio de Cipango:

“O palácio do senhor da ilha é muito grande e todo coberto de ouro, tal como são cobertas de chumbo as igrejas do Ocidente. Todos os vãos das salas são preenchidos de ouro, bem como as paredes, o chão e as janelas. Não se pode avaliar essa fortuna!” (POLO, 1989, p.117)

Outras histórias nos contam como o ouro “jorra” nas terras próximas ao Jardim do Éden, local de clima paradisíaco habitado por nativos que permaneciam sempre jovens. Há também as histórias contadas por Homero e descritas na Bíblia, a respeito das terras de “Ofir” e “Tarsis” onde o Rei Salomão¹³ enviava suas riquezas. Colombo estava atento a todas estas lendas, como a “Península do Ouro”, que segundo o geógrafo Ptolomeu, estaria no extremo oriente do mundo. De acordo com Airola e Beer (2000), estas imagens grandiosas ocupavam a mente

¹³ Salomão foi um rei de Israel mencionado na Bíblia, famoso por suas riquezas acumuladas ao longo de seu reinado.

dos Europeus, incluindo aqueles que pensavam ter encontrado uma rota alternativa para o Oriente.

Cristóvão Colombo e os viajantes posteriores buscavam nas terras americanas qualquer indício da existência de uma riqueza e prosperidade que pudesse sanar suas dívidas, obter ascensão e glória. Não havia à primeira vista nenhum sinal das especiarias abundantes nas terras orientais, entretanto, pequenos sinais de que nestas terras encontrariam ouro, prata e pedras preciosas se mostravam pouco a pouco para os espanhóis. Em pequenos adornos utilizados pelos nativos, em objetos ritualísticos, estas preciosidades se revelavam. Quando efetuavam suas primeiras trocas com os europeus e eram indagados a respeito das peças em ouro e prata, os nativos normalmente deixavam uma ideia subjetiva, às vezes com muita certeza, que haveria em quantidade maior em algum sítio perto ou distante:

“Y yo estaba atento y trabajaba de saber sí había oro, y vide que algunos de ellos traían un pedazuelo colgado en un agujero que tienen a la nariz, y por señas pude entender que yendo al Sur o volviendo la isla por el Sur, que estaba allí un rey que tenía grandes vasos de ello, y tenía muy mucho.”¹⁴(COLOMBO, 2002, p.14)

Colombo acreditava ter chegado ao Oriente, terra de riquezas sem fim, já descritas por Marco Polo, estaria então próximo a “Ofir”, “Tarsis”, Catai e Cipango¹⁵. Associou, em uma de suas cartas endereçadas aos reis espanhóis e ao Papa Alexandre VI a terra de Hispaniola¹⁶ com as regiões de “Ofir” e “Tarsis” onde estariam os tesouros do Rei Salomão, do mesmo com a Cipango de Marco Polo. Porém, o ouro encontrado não foi em quantidade suficiente para a coroa, e Colombo pagou severamente por suas falsas afirmações. Diante dos fatos, o almirante nunca deixou de afirmar que haveria riquezas maiores. E o fez baseado em suas crenças e nas declarações dos nativos que por meio de gestos lhes contaram a respeito da “Ilha de Baveque” onde a noite era possível colher ouro na areia da praia, e a golpes de martelo se transformaria em lingotes, no entanto, esta ilha nunca foi encontrada (AIROLA e BEER, 2000, p. 103).

Colombo não foi o único a perceber nos nativos os adornos dourados, outros navegadores, independente da nacionalidade, ouviam relatos parecidos. Em 1508 os nativos informam aos portugueses que na direção oeste haveria tanto ouro que poderiam

¹⁴“ [...] E eu estava atento e trabalhava para saber se havia ouro, e vi que alguns deles traziam um pedaço pendurado em uma argola que possuem no nariz, e por sinais pude entender que indo ao Sul e voltando a ilha pelo Sul, estaria ali um rei que teria grandes quantidades dele, e tinha bastante [...]”. (Tradução nossa).

¹⁵ Catai seria uma província da atual China e Cipango o Japão.

¹⁶ Atual Ilha de São Domingos.

tranquilamente abastecer seus navios (Airola e Beer, 2000, p. 104). Américo Vespúcio, em sua carta endereçada a Lorenzo de Médici, relata a mesma situação:

“[...] Ninguna especie de metal allí se encuentra, excepto oro, el cual en aquellos países abunda, [...] y de esto nos dieron noticia los habitantes, los cuales nos afirmaban que allá más adentro había grandísima abundancia de oro y que entre ellos no es estimado en nada ni tenido en aprecio. [...]”¹⁷(VESPÚCIOapud MEDINA, 1992, p. 29)

Com o tempo, os europeus chegam às terras Incas, Maias e Nahuatl, diante de tanta riqueza, os navios voltam à Espanha cheios de ouro, metais e pedras preciosas. O discurso dos nativos era verdadeiro, no entanto, a quantidade era pouca para os espanhóis. Surge então, um rumor a respeito da existência de ilhas no pacífico repletas de riquezas, que com o tempo passam a ser batizadas de “Ilhas de Salomão”. Após esta, outras lendas vão surgindo, como “*Omagua*”, “*El Paititi*”, “As sete cidades de Cibola”, a “Cidade encantada dos Césares”.

Em 1534, na cidade de San Francisco de Quito, surgem os primeiros rumores de um reino fabuloso, junto com a descrição de um curioso ritual. Esta cerimônia consistia na entrega de oferendas em ouro e metais preciosos em um lago, feitos por um cacique despido, banhado em uma mistura de lama e pó de ouro, que ficou conhecida como a cerimônia do Eldorado (AIROLA e BEER, 2000, p. 117 - 119). O que nasceu da imagem de um índio coberto de ouro, se transforma posteriormente em uma terra lendária de sonhos dourados.

Em 1590, o general Antonio de Berrio em uma expedição pelo rio Orinoco¹⁸ toma conhecimento por meio dos nativos de uma terra com uma quantidade infinita de riquezas. Esta e outras declarações sobre a terra lendária chegam a Europa e se tornam a motivação de diversas expedições pela América. Segundo Sir Walter Raleigh¹⁹, o Eldorado era uma realidade e sua capital possui um nome: “Manoa”. Sua fonte seria relatório de Juan Martínez, que ao cometer uma falta grave em meio a tripulação de Berrio, foi abandonado em uma canoa no rio Orinoco. A correnteza do rio teria levado o homem até a cidade de Manoa, onde encontra riquezas sem fim, templos, ídolos e sepulturas em ouro, até mesmo uma montanha feita deste metal. Nela vivem os Ewaipanomas, homens sem cabeça, que tem os olhos e a boca no peito, semelhantes aos acéfalos.(AIROLA e BEER, 2000, p.132 - 135, 138).

Entre tantas cidades maravilhosas e ricas, como o Paititi, que seria o esconderijo das riquezas dos Incas desviadas após a morte de Atauvalpa e governada pelo irmão dele, apenas

¹⁷“Nenhum tipo de metal se encontra ali, exceto o ouro, o qual é abundante naqueles países, [...] e disto os habitantes nos deram noticia, os quais nos afirmaram que mais adentro havia uma grandessíssima quantidade de ouro, e que entre eles não havia estima nem apreço.” (Tradução nossa).

¹⁸Principal rio da Venezuela.

¹⁹Explorador, corsário, escritor e poeta britânico do século XVI.

uma permaneceu no imaginário popular, o “*El Dorado*”. Encontramos referenciais nas cartas de Fray Juan de Santa Gertrudes e Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés, além de Juan de Castellanos e Juan Freile. Esta lenda consegue reunir em si todas as especulações, desejos e esperanças dos europeus por riquezas sem fim. Sua localização, apesar de haver mudado diversas vezes, ainda é um mistério, mas permanece viva no imaginário popular quando traduzida em histórias fabulosas.

3. A MAGIA AMERICANA

A América vislumbrou aos olhos europeus inúmeras novidades, um assombroso encontro com o desconhecido, o inédito. A respeito da chegada às terras americanas, Pietri (2002) nos lembra que:

“No han visto viento como el huracán, ni noche pareja al día, ni estrellas del Sur, ni aquellos desmesurados ríos que llamaban mares dulces, ni aquellas gigantescas sierras nevadas e inaccesibles, ni las vastas llanuras a pérdida de vista, ni el manatí que parece una sirena, ni la llama que no parece pisar suelo, ni la profusión de pájaros desconocidos, ni la inversión de las estaciones, ni el pan, ni el habla, ni la creencia de aquellos seres fuera de clasificación.”²⁰(p.298-299).

Desconhecendo completamente cada pedaço do solo americano e diante da necessidade de contar a Europa o que havia encontrado, os conquistadores passaram a nomear as coisas seguindo uma busca por semelhanças com referentes já conhecidos: sejam eles concretos, mitológicos ou imaginativos. Foi uma maneira de encontrar um referencial conhecido, uma sensação de segurança frente aos perigos inimagináveis que pareciam surgir a todo tempo.

Os conquistadores ouviam o canto dos pássaros e acreditavam ser o canto do rouxinol, pensaram ter encontrado a ilha das amazonas, ao ver peixes-boi aproximando-se de suas embarcações temiam que fossem sereias. Desse modo o que antes fazia parte do imaginário começa a mesclar-se com a realidade, revelando uma terra onde é possível encontrar o Paraíso Terrestre, o *El Dorado* e um número significativo de monstros e bestas. Encontramos, então, a demonstração do realismo mágico nestas histórias e no modo como se perpetuaram.

3.1 O PARAÍSO TERRESTRE ESTÁ AQUI

3.1.1 NAS PALAVRAS DO ALMIRANTE

Cristóvão Colombo, navegador Genovês, nasceu em 1451 e faleceu em 1506 em Valladolid. Acreditando que poderia traçar uma rota alternativa para as Índias Orientais pelo

²⁰ “Não haviam visto vento como o furacão, nem a noite que acompanha o dia, nem as estrelas do sul, nem aqueles excepcionais rios que chamavam de mares doces, nem aquelas gigantescas serras nevadas e inacessíveis, nem as vastas planícies a perder de vista, nem o peixe-boi que parece uma sereia, nem a lhama que parece não pisar no chão, nem o grande número de pássaros desconhecidos, nem a inversão das estações, nem o pão, nem a fala, nem a crença daqueles seres fora de qualquer classificação.” (Tradução nossa).

oceano, liderou uma frota de navios que chegou à América em 1492. A respeito do descobrimento e das expedições feitas por terra, deixou escritos em forma de carta e registros em seu diário de bordo. Realizou quatro viagens ao continente americano.

Apesar dos sinais que comprovavam a falha de sua teoria, Colombo nunca deixou de afirmar que havia chegado às Índias Orientais, especificamente na província de Catai. Em seus primeiros relatos apresenta uma posição em relação às terras, descrevendo-as da maneira possível de acordo com os referenciais europeus disponíveis. Relata também a inocência e cordialidade dos nativos americanos. A partir da terceira carta começa a mudar seu discurso, resgatando a religiosidade cristã, apresentando argumentos e afirmando a sua chegada próxima ao Paraíso Terrestre.

Assim como mencionado por O’Gorman (1998), Colombo muda o seu discurso quando lhe é conveniente: no momento em que vê as suas afirmações a respeito da Ásia serem negadas as vistas de sua tripulação. Do mesmo modo, inicia seus primeiros relatos utilizando comparações com a natureza europeia, quando, por exemplo, se refere à calmaria primaveril, ao prazer que possui em desfrutar as manhãs, com o tempo parecido com o período de abril na Andaluzia, onde só faltava ouvir o canto do rouxinol, do mesmo modo a respeito da calmaria do mar, assemelhando-se ao rio de Sevilha.

Continuando seus relatos, os referenciais mudam, e para exaltar as belezas exóticas da “Índia”, passa a utilizar como referencia as descrições das terras imaginárias de Marco Polo, *Amadís* e *Esplandián*²¹. A partir de então, a realidade começa a ser enxergada pela ótica do mágico, do exótico.

Colombo faz uso também de um apelo a religiosidade europeia, quando já em sua terceira viagem começa a ficar claro que ele não havia chegado as Índias. Quando adentra pelo que acreditava ser o golfo de um arquipélago, mas na verdade havia alcançado a desembocadura do rio Orinoco:

“Colón pensó que estaba en un archipiélago adyacente al extremo meridional del orbisterrarum[...] que, para él, empezaba a formarse a la altura de la tierra de Cuba; pronto, sin embargo, los marineros advirtieron un extraño fenómeno que sembró el desconcierto en el ánimo del almirante. En efecto, el golfo donde había penetrado la flota (hoy Golfo de Paria en Venezuela) era de agua dulce, circunstancia que requería la presencia de caudalosos ríos e indicaba, por consiguiente, una enorme extensión de tierra. Parecía obligado a concluir, entonces, que aquel golfo no estaba formado por los litorales de un apretado grupo de islas, como suponía Colón, sino por la costa de una tierra de magnitud continental. En un principio el almirante se resistió a aceptar esa obvia inferencia que amenazaba la validez de sus ideas preconcebidas; pero como la exploración posterior no favoreció la duda, se vio obligado a reconocer su equívoco

²¹*Amadís de Gaula* e *Las Sergas de Esplandián* são exemplares da literatura medieval de cavalaria.

inicial. Se acordó entonces de las noticias que le habían dado los caribes acerca de la existencia de grandes tierras al sur de las suyas y acabó por convencerse de lo inevitable: la flota había aportado, no a un archipiélago vecino al paso al Océano Índico, sino a una tierra firme.”²²(O’GORMAN, 1995, p.17)

Diante do exposto, Colombo continua a afirmar que havia chegado ao oriente, que essa terra é a parte mais oriental do mundo, e o grande rio que havia adentrado era tão somente um dos quatro rios que nascem da fonte do Paraíso. Colombo, na carta endereçada aos Reis Católicos passa a mostrar sinais da providência divina agindo por meio de seus atos, preparando algo grandioso para a Espanha, para refutar, também, as maledicências que corriam pela Península Ibérica a respeito do fracasso de sua empreitada: “[...] porque es verdad que todo pasará y no lapalabra de Dios y se cumplirá todo lo que dijo; el cual tan claro habló de estas tierras por la boca de Isaías en tantos lugares de su Escritura, afirmando que de España les sería divulgado su santo nombre [...]”²³(COLÓN, 2002, p.169-170).

O pedaço de terra encontrado por ele seria designado como novo, inacessível até o momento pelo homem, mas já conhecido através das escrituras, lá estaria o Paraíso Terrestre. Desse modo, Colombo levou o olhar da Europa a enxergar o mundo novamente pela ótica da religiosidade, buscando se afastar de seu fracasso iminente em estabelecer uma nova rota para as Índias. Não negou que havia chegado a um pedaço de terra maior que uma ilha, mas continuou afirmando que ainda era o extremo oriental, onde encontraria mais a frente todos os reinos e cidades pertencentes a parte oriental. Entretanto, havia encontrado o pedaço onde Deus havia plantado o seu Jardim do Éden. Veremos, a partir de então, o uso da fé para enxergar as maravilhas naturais antes desconhecidas e para o que não possui explicação lógica. O uso da fé para a naturalização do sobrenatural é lembrado por Chiampì (1983) em seu livro *‘El realismo maravilloso’* como um pressuposto para o realismo mágico.

²² “Colombo pensou que estava em um arquipélago adjacente ao extremo meridional do OrbisTerrarum [...] que, para ele, começava a se formar na altura de Cuba; logo, no entanto, os marinheiros o avisaram de um estranho fenômeno que semeou o desconcerto na face do almirante. Em efeito, o golfo no qual a frota havia entrado (hoje Golfo de Paria na Venezuela) era de água doce, circunstância que pedia a presença de caudalosos rios, e indicava, portanto, uma enorme extensão de terra. Parecia obrigado a concluir, então, que aquele golfo não estava formado pelos litorais de um apertado grupo de ilhas, como supôs Colombo, mas pela costa de uma terra de magnitude continental. A princípio o almirante resistiu em aceitar essa óbvia inferência que ameaçava a validade de suas ideias pré-concebidas; mas como a exploração posterior não favoreceu a dúvida, se viu obrigado a reconhecer seu equívoco inicial. Se lembrou, então, das notícias que os caribes haviam dado a respeito da existência de grandes terras ao sul das suas e acabou por se convencer do inevitável: a frota havia aportado, não em um arquipélago vizinho a passagem para o Oceano Índico, mas a uma terra firme.” (Tradução nossa).

²³ “[...] porque é verdade que tudo passará, e não a palavra de Deus, e tudo o que ele disse se cumprirá, o qual tão claramente falou destas terras pela boca de Isaías em tantos lugares de suas escrituras, afirmando que da Espanha será divulgado o seu santo nome.” (Tradução nossa).

Colombo faz uso da fé não somente em relação ao fracasso das Índias, mas também ao mesmo fracasso de não haver encontrado as riquezas prometidas. Holanda (2000) nos lembra em seu livro a afirmativa de Colombo a respeito do ouro: que apesar de necessário, pois dele se faz o tesouro (referencial para a riqueza material), mas o maior tesouro encontrado foi o espiritual, e quando não há uma remuneração suficiente neste mundo, sempre haveria a remuneração celeste. Deste modo, Colombo reafirma que a todo tempo foi guiado pela mão celeste. Em especial quando escreve uma carta a ama do príncipe Don Juan, cujo nome da endereçada não foi mencionado, onde abertamente afirma ter ouvido a voz de Deus e ser guiado por ele: “Otra vez, y no de lejos, estando yo más bajo, me levantó consubrazo divino, diciendo: ó hombre de poca fe, levántale que yo soy, no hayas miedo.”²⁴(COLÓN, 2006, p.343). Também ao declarar na mesma carta: “Del nuevo cielo y tierra que decía nuestro Señor por San Juan en el Apocalipse, después de dicho por boca de Isaías, me hizo del mensajero y amostró en cuál parte.”²⁵(COLÓN, 2006, p.344). Percebemos então que, se Colombo não foi o mensageiro divino como afirmou, possuía uma visão de mundo extremamente subjetiva. Como não declarou ter ouvido a voz divina antes de sair em sua primeira viagem, talvez a exuberância da América e o sentimento de fracasso em suas concepções tenham elevado o seu olhar para enxergar a magia existente na realidade. Portanto, é conveniente lembrar que o Realismo Mágico propõe exatamente um novo olhar para a realidade, enxergando o que há de subjetivo nela.

Dando prosseguimento, em suas cartas Colombo (2002) induz as pistas para a proximidade do Jardim do Éden: “Y llegando yo aquí á este cabo vino el olor tan bueno y suave de flores ó árboles de la tierra, que era la cosa más dulce del mundo.”²⁶(p.48). Colombo cria uma imagem, ainda na relação sobre a primeira viagem, tão sublime e agradável que qualquer um pode pensar que o Paraíso existe:

“[...]el cantar de los pajaritos que parece que el hombre nunca se quería partir de aquí, y las manadas de los papagayos que oscurecen el sol; y aves y pajaritos de tantas maneras y tan diversas de las nuestras, que es maravilla; y después a árboles de mil maneras, y todos de su manera fruto, y todos huelen que es maravilla, que yo estoy el

²⁴ “Outra vez, e não de longe, estando eu para baixo, me levantou com seu braço divino, dizendo: ó homem de pouca fé, levante-se que sou eu, não tenha medo.” (Tradução nossa).

²⁵ “O novo céu e terra que nosso Senhor dizia por São João no Apocalipse, depois de dito pela boca de Isaías, me fez dele mensageiro e me mostrou em qual parte.” (Tradução nossa).

²⁶ “E chegando aqui a este cabo veio um aroma tão bom e suave de flores ou árvores da terra, que era a coisa mais doce do mundo.” (Tradução nossa).

mas penado del mundo de no los cognoscer, porque soy bien ciertó que todos son cosa de valia.²⁷(Colón, 2002, p.49)

Em seus escritos a respeito da segunda viagem, quando descreve as ilhas americanas, repete a mesma imagem paradisíaca, acrescentando elementos europeus a realidade americana que conferem a seu discurso um certo tom poético, aguçando a imaginação e o desejo do leitor em conhecer a terra descrita:

“[...]tan llenas de árboles de mil maneras y altas, y parescen que llegan al cielo; y tengo por dicho que jamás pierden la foja según lo que puedo comprender, que los vi tan verdes y tan hermosos como son por Mayo en España. Dellos están floridos, dellos con fruto, y dellos en otro término según es su calidad; y cantaba el ruiseñor y otros pájaros de mil maneras en el mes de Noviembre por allí donde yo andaba.”²⁸(COLÓN, 2002, p.95)

Passado o período das suposições, Colombo em uma carta endereçada ao Papa afirma sem nenhuma dúvida que na América se encontra o Paraíso Terrestre: “[...] hienavegaciónnuevahaciael austro, adondeyofallétierrasinfinitísimasyel agua de la mar dulce. Creí y creo aquello que creyeron y creen tantos santos y sabios teólogos que allí en la comarca es el Paraíso terrenal.”²⁹(COLÓN, 2006, p.349). Do mesmo modo, em uma carta endereçada aos Reis Católicos onde fala a respeito de sua terceira viagem á América, Colombo lembra quais o sinais para o Paraíso Terrenal e sua provável localização: “San Isidro y Beday Strabo, y el Maestro de la historia escolástica, y San Ambrosioy Scoto, y todos lossanos teólogos conciertanquel Paraíso terrenal es enel Oriente, etc.”³⁰(COLÓN, 2002, p. 287), convém recordar que Colombo nunca deixou de afirmar que havia chegado ao Oriente. A partir de então, reafirma sua tese, após navegar pelo rio Orinoco e pensar que se tratava de um dos quatro rios que jorram pela fonte do Paraíso:

“Ya dije lo que yo hallaba deste hemisferio y de la hechura, y creo que si yo pasara por debajo de la línea equinocial que en llegando allí en esto que más alto que fallara muy mayor temperancia, y diversidad en las estrellas y en las aguas; [...]porque creo

²⁷ “[...] o cantar dos pássaros faz com que o homem nunca queira sair daqui, além das manadas de papagaios que escurecem o sol; e as aves e passarinhos de tantas maneiras e tão diversas das nossas, que é uma maravilha; e há árvores de mil maneiras, todas com seus frutos diferentes, e todas cheiram que é uma maravilha, e lamento não conhecer todos, porque estou certo de que todos são coisa de grande valia.” (Tradução nossa)

²⁸ “[...] tão cheias de árvores de mil maneiras e tão altas que parecem chegar ao céu; e tenho dito que jamais perdem uma folha sequer, pelo que pude perceber, que as vi tão verdes e tão belas como são em maio na Espanha. Há delas floridas, há delas com frutos, e há delas com o termo que se encaixe na sua qualidade; e havia o canto do rouxinol e outros pássaros de mil maneiras, no mês de novembro por onde eu andava.” (Tradução nossa)

²⁹ “[...] fiz uma nova navegação até o austro, onde encontrei infinitas terras e o mar de água doce. Creia e creio naquilo que creram e creem tanto santos e sábios teólogos que ali na comarca se encontra o Paraíso Terrestre.” (Tradução nossa).

³⁰ “São Isidro, Beda e Strabo e o mestre da escolástica histórica, São Ambrósio e Scoto e todos os teólogos em sua sanidade concordam que o Paraíso Terrestre está no Oriente, etc.” (Tradução nossa).

que allí es el Paraíso terrenal, adonde no puede llegar nadie, salvo por voluntad Divina; y creo que esta tierra que agora mandaron descubrir vuestras Altezas sea grandísima y haya otras muchas en el Austro de que jamás se hobo noticia. [...]Grandes indicios son estos del Paraíso terrenal, porquel sitio es conforme á la opinión de estos santos é sanos teólogos, y asimismo las señales son muy conformes, que yo jamás leí ni oí que tanta cantidad de agua dulce fuese así adentro é vecina con la solada; y enello ayuda asimismo la suavísima temperancia, y si de allí del Paraíso no sale, parece aun mayor maravilla, porque no creo que se sepa en el mundo de río tan grande y tan fondo. [...]”³¹(COLÓN, 2002, p.287-288)

Ao longo de seus escritos, Cristóvão Colombo apresenta argumentos comprovando a sua tese da localização do Paraíso Terrestre, de maneira que para qualquer religioso que conhecendo ou não a América pareceria perfeitamente aceitável sua teoria. Por meio de todo o conhecimento e suposição acerca desta terra sagrada, não há dúvidas que se encontraria em um plano elevado, distante das águas do dilúvio e do pecado. Porém, quando Colombo afirma não ser a altura de uma “áspera montanha”, mas sim algo semelhante a uma pera ou o seio de uma mulher, torna a afirmação mais veemente. Seria possível, então, a existência de uma temperatura agradabilíssima, e a uma temperança no ar que torna conveniente a boa e saudável habitação dos homens, explicando assim a jovialidade e força do nativo americano. E não somente a saúde, esta altura proporcionaria uma boa salubridade no ar de modo que os alimentos não estragassem facilmente. Por meio das palavras de Fray Bartolomé de Las Casas, aceitando a teoria de Colombo, Holanda (2000) nos lembra que o navegador genovês conseguiu sustentar sua tese derrubando uma ideia antiga que localizava o Paraíso em um ponto tão alto que chegaria a tocar na Lua, agora o Paraíso alcançou um ponto onde o ar e a temperatura se mostram calmos e serenos, semelhantes ao Monte Olimpo da tradição greco-romana.

Isso nos mostra que Colombo modifica sua conduta e seus atos contando com obras de ficção (MEDINA, 1992) além da própria religiosidade. Consegue transformar suposições em verdades, e o faz por meio do apelo religioso e da subjetividade do desejo humano de encontrar a terra perfeita, transformar o Paraíso que antes era parte da imaginação em uma realidade. Essa concretização do sonho perfeito é reafirmada por quem chega à América e conhecendo apenas a realidade europeia, acredita haver chegado de fato ao Jardim das

³¹ “Já falei que o que descobri deste hemisfério e do tamanho, e creio que se eu passasse por debaixo da linha equinocial e chegando lá não encontraria maior temperança, diversidade no céu e nas águas [...] porque creio que ali é o Paraíso Terrestre, onde nenhum pode se aproximar, apenas pela vontade Divina; e creio que esta terra que Vossas Altezas mandaram descobrir são grandiosas e tenham muitas outras pelo Austro que jamais houve notícia[...] Há grandes indícios de que aqui seja o Paraíso Terrestre, pois o lugar encontra-se em conformidade com o que disseram os santos e teólogos, além do que os sinais são claros, jamais li nem ouvi que tamanha quantidade de água doce fosse capaz de existir na terra, além da suave temperança, se não está lá o Paraíso Terrestre, será uma maravilha maior, pois não creio que haja conhecimento de um rio tão grande e fundo [...]” (Tradução nossa)

Delícias. O Paraíso Terrestre antes de existir como uma imagem que dificilmente o americano conseguirá apagar fez parte do imaginário europeu, seu processo de adaptação à realidade americana acontece de maneira tão natural que é considerada e reafirmada por outros visitantes ilustres das terras novas. Podemos concluir que, o realismo mágico já se encontrava presente no discurso de Colombo, naturalizando o imaginário ou simplesmente descobrindo uma vocação paradisíaca na América, do modo que já foi citado anteriormente, através de um olhar diferenciado para a realidade, pois, na América o fantástico se tornava realidade (CARPENTIER, 1973) pelo olhar atencioso e por meio dos escritos dos cronistas.

3.1.2 NA VISÃO DO EXPLORADOR

A visão e o pensamento de Colombo foram compartilhados por outros cronistas, entre eles o explorador das novas terras cujo nome batizou todo o continente: Américo Vespúcio. Nasceu em Florença, mas foi naturalizado espanhol. A respeito de suas obras, deixou descrições geográficas, observações a respeito da cultura dos povos nativos e da nova terra.

Em sua carta dirigida a Lorenzo de Médici, datada em 18 de Julho de 1500 conta a respeito das maravilhas da nova terra, começando desta maneira: “Vuestra Magnificencia sabrá como por comisión de la Alteza de estos Reyes de España partí con dos carabelas a 18 de mayo de 1499, [...] tanto que navegué a las islas Afortunadas, que hoy se llaman las islas de Canaria.”³² (VESPÚCIO apud MEDINA, 1992, p.23). Aqui já encontramos a materialização e aceitação de um mito, que pela etimologia da palavra sabemos tratar-se de algo que faz parte do imaginário. As ilhas Afortunadas fazem parte da mitologia grega, quando Homero situou os Campos Elíseos para além do oceano, que estão as ilhas afortunadas onde repousam as almas dos heróis (AIROLA e BEER, 2000, p.208). Entretanto, essa ideia foi completamente rejeitada por religiosos como Santo Isidoro, por fazer alusão a um mito pagão. Retomada pelo cardeal Pierre D’Ailly e nas peregrinações de São Brandão, muitos acreditaram que o Paraíso Terrestre estaria entre as Ilhas Afortunadas, porém em sua viagem Colombo passa a afirmar que o Paraíso está além destas ilhas já citadas. Portanto, além da aceitação do desconhecido encontramos o sincretismo entre concepções religiosas, sendo o ‘Elíseos’ politeísta aceito como real e uma passagem para o Paraíso monoteísta, algo extremamente comum na disseminação do cristianismo que foi

³²“Vossa Magnificência sabe pela comissão das altezas, Reis da España, como parti com duas caravelas no dia 18 de maio de 1499, [...] naveguei até as Ilhas Afortunadas que hoje se chamam Ilhas Canárias.” (Tradução nossa).

retomado durante o período do Renascimento. Este sincretismo, como a união de elementos distintos provenientes de culturas diferentes também foi considerado um exemplo do realismo mágico, citado tanto por PIETRI (2002) quanto por CARPENTIER (1973), uma vez que o indivíduo enxerga uma nova nuance mágica no que já faz parte do imaginário. Através disto a própria realidade é modificada, surgindo mitos e lendas, novas condutas e crenças.

Américo Vespúcio escreve sua carta contando o momento em que chega a terra firme, exaltando as belezas naturais do lugar: “[...]la encontramos tan llena de árboles, que era cosa maravillosa no sólo su tamaño, sino su verdor, que nunca pierden las hojas; y por el olor suave que salía de ellos, que son todos aromáticos, daban tanto deleite al olfato, que nos producía gran placer.”³³ (VESPÚCIO apud MEDINA, 1992, p.138). As belezas naturais americanas tantas vezes exaltadas pelos exploradores, associada posteriormente ao clima tropical, a total perfeição, coisa divina, concretizou-se em uma imagem paradisíaca. E Américo Vespúcio não poderia deixar de fazer o comparativo, de lançar-se a ideia projetada por Colombo:

“Lo que aquí vi fue que vimos una infinitísima cosa de pájaros de diversas formas y colores, y tantos papagayos, y de tan diversas suertes, que era maravilla: algunos colorados como grana, otros verdes y colorados y limonados, y otros todos verdes, y otros negros y encarnados; y el canto de los otros pájaros que estaban en los árboles, era cosa tan suave y de tanta melodía que nos ocurrió muchas veces quedarnos parados por su dulzura. Los árboles son de tanta belleza y de tanta suavidad que pensábamos estar en el Paraíso Terrenal, y ninguno de aquellos árboles ni sus frutas se parecían a los nuestros de estas partes. Por el río vimos muchas especies de pescados y de diversos aspectos.”³⁴ (VESPÚCIO apud MEDINA, 1992, p.24)

Neste fragmento não há a presença do sobrenatural ou do estranho, mas percebemos um olhar diferenciado para a realidade, onde a maravilhosa natureza americana é associada à mão do divino, ao próprio paraíso. Como já foi mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, a respeito do realismo mágico não somente é o sobrenatural, mas o olhar diferenciado à própria realidade, inclusive quando ocorre por efeito do poder divino.

Se antes deixou transparecer alguma dúvida, ao conhecer mais profundamente a terra americana, a presença do paraíso passa a se tornar uma realidade: “Y ciertamente si el

³³ “[...] a encontramos repleta de árvores, algo maravilhoso não só em seu tamanho, mas também em seu verdor, que nunca perdem as folhas, e pelo aroma suave que saía deles, que são todos aromáticos, um deleite ao olfato, produzindo um enorme prazer. [...]” (Tradução nossa).

³⁴ “[...] O que vimos aqui foi uma infinita quantidade de pássaros de diversas formas e cores, toda sorte de papagaios que era uma maravilha: alguns coloridos com um vermelho escuro, alguns verdes com outras cores como do limão, outros todo verdes, outros preto com vermelho: e o canto dos outros pássaros que estavam nas árvores era coisa tão suave e de uma melodia que consideramos a ideia de ficarmos muitas vezes parados por sua doçura. As árvores são de uma beleza e suavidade que pensávamos estar no Paraíso Terrestre pois nenhuma daquelas árvores e suas frutas pareciam com as nossas dessas partes. Pelo rio encontramos diversos tipos de peixes de vários aspectos. [...]” (Tradução nossa).

Paraíso Terrenal en alguna parte de la tierra está, estimo que no estará lejos de aquellos países. De los cuales el lugar, como te he dicho, está al mediodía, en tanta templanza de aire que allí nunca se conocen ni los inviernos helados ni los veranos cálidos.”³⁵(VESPÚCIO apud MEDINA, 1992, p.30). Como sublinhado anteriormente, Américo Vespúcio faz referência a natureza esplêndida e abundante, a melodia dos pássaros, a abundância e variedade de alimentos, novamente refere-se ao Paraíso Terrestre quando menciona a temperatura agradável do clima americano. Todos os seus referenciais são fatos, mas que servem para sustentar a tese irreal do Paraíso.

Assim como mencionado por Cristóvão Colombo, acreditava-se que a temperança do ar possuía propriedades quase medicinais, proporcionando vida longa a quem respirasse este ar e vivesse em meio ao Paraíso. Vespúcio também relata a longevidade e saúde dos nativos americanos. Na época em que Vespúcio viveu e também nos dias atuais um homem viver 150 é impossível, porém o explorador europeu acreditou e disseminou a ideia de que os anciões americanos possuíam esta idade. A partir desta ideia, passou-se a acreditar e buscar a fonte para a juventude, que seria a mesma de onde jorram os 4 rios do Paraíso. A respeito da disposição dos nativos americanos, Vespúcio mencionou:

“Viven 150 años y pocas veces se enferman, y si caen en una mala enfermedad a sí mismos se sanan con ciertas raíces de hierbas. Estas son las cosas más notables que conocí acerca de aquéllos. El aire allí es muy templado y bueno y según pude saber por relación de ellos mismos, nunca /hubo/ allí peste o enfermedad alguna, producida por el aire corrompido, y si no se mueren de muerte violenta, viven una larga vida, creo porque allí siempre soplan vientos australes y máxime aquel que nosotros llamamos euro, el cual es para ellos lo que para nosotros el aquilón.”³⁶(VESPÚCIO apud MEDINA, 1992, p.144)

Concluindo, ao refletir sobre o mito do Paraíso Terrestre e na longevidade que sempre cercou o pensamento do homem por meio de diversas histórias, podemos citar Chiampì (1983): “De esta manera, el concepto de lo real maravilloso se resuelve narrativamente por las constantes intersecciones del Mito en la Historia.”³⁷(p.42). Assim como acontece nas narrativas do El Dorado e a respeito dos bestiários das índias, a mitologia

³⁵ “E certamente se o Paraíso Terrestre está em alguma parte da Terra, estimo que não está distante daqueles países. Dos quais o lugar, como te falei, está a meiodia, com tanta temperança no ar que ali não se conhece nem invernos gelados nem os verões quentes.” (Tradução nossa).

³⁶ “Vivem 150 anos e poucas vezes adoecem, e se caem em uma doença se curam com certas raízes de ervas. Estas são as coisas mais notáveis que conheci acerca daqueles. O ar é muito moderado e bom segundo pode-se saber pela relação deles mesmos, nunca houve ali qualquer doença, produzida pelo ar impuro, e se morrem não morrem por morte violenta, vivem uma vida longa, creio que seja por que ali sempre sopram ventos austrais e no máximo aquele que chamamos de euro, o qual para eles é o que para nós conhecemos como *alquilón*.” (Tradução nossa).

³⁷ “Desta maneira, o conceito do realismo mágico se resolve narrativamente pelas constantes intersecções do Mito na História.” (Tradução nossa).

se introduz na história e se transforma em uma engrenagem que ajuda mover esta máquina. O mito do Paraíso Terrestre antes de encontrar solo fértil na América moveu muitos homens em uma incansável busca, e no ‘Novo Mundo’ não foi diferente.

3.2 A TERRA DOURADA

Ao pisar em solo americano, Cristóvão Colombo viu por todas as partes o reflexo da Ásia, buscou Cipango com seus palácios de ouro e ao Gran Khan e suas imensuráveis riquezas. Mesmo depois das expedições e dos insucessos nunca deixou de afirmar que de fato havia chegado à Ásia. Desse modo, semeou nas novas terras todas as histórias maravilhosas, mitos e lendas que compunham o cenário asiático na imaginação do europeu, em especial todas aquelas que provocam a cobiça humana. Como a exemplo, o mito da localização das minas do Rei Salomão³⁸, de onde extraía todas as suas riquezas em ouro e pedras preciosas no extremo oriente da Terra.

A terra americana se mostrou fértil não somente para a agricultura, mas também para florescer as expectativas criadas pela imaginação europeia, regadas pelas histórias que os nativos americanos lhes contavam, ou pela maneira que os europeus as interpretavam. As histórias a respeito do *El Dorado* se constroem por meio de expedições e jornadas atrás das promessas de fartura advindo do discurso dos nativos americanos, sendo banhadas a sangue e recontadas como verídicas, provocando a imaginação e a ganância europeia, como aponta Medina (1992):

“Una historia que renueva la búsqueda ilusoria, tan renovada en muchas partes del suelo americano sobre un lugar incierto que surgía, tomaba fama y nunca fue posible disponer concretamente del mismo. Las fábulas y las leyendas de El Dorado sostienen una preeminencia de inventiva, una realidad de expediciones, jornadas y muertes, de codicias a lo largo de muchas controversias, desengaños y maledicencias indígenas.”
³⁹(p. 39)

³⁹“Uma história que renova a busca ilusória, tão revivida em muitas partes do solo americano sobre um lugar incerto que surgia, tomava fama e nunca foi possível dispor algo concreto sobre o mesmo. As fábulas e lendas do *El Dorado* apoiam uma preeminência inventiva, uma realidade de jornadas e mortes, de cobiça ao longo de muitas controvérsias, desenganos e maledicências indígenas.” (Tradução nossa).

3.2.1 A COLINA DO *EL DORADO*

Como já foi afirmado anteriormente, as lendas a respeito do *El Dorado* surgem após as primeiras especulações e afirmativas de Colombo a respeito da localização do Paraíso Terrestre, além da dúvida gerada em seus escritos, e de seus sucessores, quanto a imensidão de riquezas existentes nesta terra americana. Deste modo, como supôs Colombo, se na América está o Paraíso Terrestre que já é descrito desde a bíblia como uma terra farta em riquezas, somando-se a isto a dúvida gerada pelas afirmações dos nativos quanto a existência de maiores quantidades de ouro avançando para o coração do continente, estas foram as forças que impulsionaram as expedições em busca do ouro. E destas expedições surgiram várias histórias maravilhosas, algumas difíceis de acreditar, apesar de soarem veementes.

Uma dessas histórias é a contada por Don Juan Quiñones que nos foi transmitida por Fray Juan de Santa Gertrudes. Esse sacerdote nascido na ilha de *Mallorca*, desembarca em Cartagena em 1756, ele escreve quatro volumes manuscritos contando suas andanças pela América entre 1756 e 1767, retorna a Espanha e falece em 1779.

Segundo Don Juan Quiñones no tempo em que esteve na mina de extração de minérios que pertencia a seu pai; um *índio*⁴⁰, que trabalhava para a família, havia lhe prometido que ensinaria o caminho para o *El Dorado*. Seria, então, uma colina localizada próximo a província de *Barbacoas* e ao Panamá, cuja quantidade de ouro poderia ser tão imensa que este metal dourado jorraria pela colina. Apesar de parecer à primeira vista algo absurdo, Don Juan Quiñones e Fray Juan de Santa Gertrudes, que apesar de não ter conhecido o índio nem visitado a mina, a tem como algo verídico, pois é uma história que faz parte da tradição local no qual muitos falam e atestam sua existência: “Esta tradición que es de los indios antiguos, en toda la provincia de Barbacoas se tiene por verídica y constante.”⁴¹(GERTRUDIS apud MEDINA, 1992, p.263). Os cronistas possuíam um certo compromisso com a verdade, pois tudo o que era relatado servia a coroa como uma imagem, uma visão das terras e súditos conquistados. Portanto, seus relatos, embora alguns pareçam estranhos e absurdos, eram tomados como verídicos, já que muitos viram e deram a sua palavra de honra sobre a existência, que valeria na época como uma prova consistente.

De volta à história, o pai de Don Juan Quiñones ao ouvir a promessa do índio, e já conhecendo a história da colina, é levado pela cobiça e segue o índio até a colina, apesar de

⁴⁰O cronista refere-se ao nativo americano como índio.

⁴¹“Esta tradición que é dos índios antigos, toda província de Barbacoas a tem como verídica e constante.”
(Tradução nossa).

ser avisado que não poderia se aproximar muito, pois tratava-se de uma área enfeitiçada. Antes de realmente iniciar a leitura da crônica, já podemos perceber a presença de uma característica fundamental do realismo mágico: a presença do elemento maravilhoso, na figura do monte enfeitiçado e a aceitação do absurdo como algo real, quando o autor nos afirma que se tem por verídica aquela história. A veracidade se comprova ao longo da leitura.

Seguiram, então, pelo rio Gualí, e após cerca de cinco dias de viagem chegaram aos pés da colina. Don Juan a descreve, pelas palavras do pai que a visitou, como uma colina mediana, com cerca de meia légua de comprimento e uma extensa área plana no cume. Desde o alto até a parte baixa encontram-se pequenos escoamentos de ouro, dando a impressão de que a colina é dourada. Há ouro por toda parte, na forma sólida ou líquida, em pequenas gemas e até em pó, cobrindo toda a extensão do cume como uma areia preciosa.

Enquanto andavam e recolhiam os pedaços de ouro, relâmpagos e trovões começaram a tornar-se perceptíveis, assuntando ao pai de Don Juan e os negros que lhes acompanhavam. E de repente o ouro que havia em suas mãos começou a se transformar em uma fumaça de cor esverdeada que exalava um odor pestífero. Ouviram, então, vozes diabólicas se aproximando deles. Diante disto, largaram todo o ouro que haviam recolhido e saíram imediatamente do local, ao que Fray Juan de Santa Gertrudes finaliza:

“[...] al llegar a embarcarse en el brazo de la otra quebrada abajo, hasta que les cerró del todo la noche, que ni se acordaron de comer ni beber, y cerca de las nueve cesó la tempestad, pero los bramidos que salían del cerro duraron hasta que llegaron a lacabecera del río Maguí. Toda esta historia me contó don Juan, así como su padre la contó cuando volvió a la mina.”⁴²(GERTRUDIS apud MEDINA, 1992,p.264)

O que há de absurdo e mágico nesta história: a quantidade imensa de ouro, naturalmente convertida em pó, jorrando pela terra; o ouro exalando uma fumaça esverdeada e fétida; vozes diabólicas acompanhando os homens até se distanciarem bastante do local. Toda a história nos é contada como verídica, sem nenhuma hesitação diante do absurdo, como o ouro exalando fumaça. A respeito das vozes seria possível se houvessem habitantes nesta colina, entretanto este som lhes acompanha na viagem de volta. O que se pode concluir desta história, a partir das afirmativas de Don Juan Quiñones a Fray Juan de Santa Gertrudes é que o ouro existe, em abundância, porém está amaldiçoado. Isso naturalmente evocou a curiosidade, ambição e a certeza na possibilidade de livrar aquelas riquezas das mãos do

⁴² “[...] ao embarcar no outro braço abaixo, até que encerrou a noite, não se lembraram de comer nem beber, e cerca das nove horas encerrou a tempestade, mas os bramidos que vinham da colina duraram até que chegaram a cabeceira do rio Maguí. Toda essa história me foi contada por Don Juan, assim como seu pai lhe contou quando voltou da mina.” (Tradução nossa).

‘demônio’ pelo poder divino evocado na cristandade. Esse relato auxiliou a criar e perpetuar a imagem americana de uma terra próspera e rica que deve ser libertada das mãos do diabo. É essa a sensação que o realismo mágico provoca, de naturalização do irreal, quando se menciona o elemento mágico sem questioná-lo, aceitando sua presença e perpetuando sua existência.

3.2.3 O HOMEM DOURADO

Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés nasce em Madrid e falece em Santo Domingo em 1557. Chega a América em 1514 para desempenhar a função de escrivão. Em 1535 publica “Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra Firme Del Mar Océano”, obra de imenso valor que descreve para a coroa espanhola tudo o que viu e ouviu a respeito das terras americanas. Na terceira parte de seu livro, Oviedo nos conta um pouco a respeito da lenda do rei dourado, no qual sendo tão rico o seu reino e tão farta a quantidade de ouro, todos os dias se cobre com metal dourado. O cronista nos conta desta maneira:

“[...] aquel gran señor o príncipe continuamente anda cubierto de oro molido tan menudo como sal molida; porque le parece a él que traer cualquier otro atavío es menos hermoso y que ponerse piezas o armas de oro labradas de martillo o estampadas o por otra manera es grosería y cosa común, pues otros señores y príncipes ricos las traen cuando quieren; pero que polvorizarse con oro es cosa peregrina, inusitada, nueva y más costosa, pues que lo que se pone un día por la mañana se lo quita y lava en la noche, y se echa y pierde por tierra; y esto hace todos los días del mundo.”⁴³(Oviedo, APUD Medina, p.267. 1992)

Oviedo deixa um questionamento nesta crônica, o quão fabuloso devem ser os armazéns deste rei, infinitamente maiores que qualquer mina já vista na América. Isto se deve ao fato do rei todos os dias se cobrir com ouro em pó dos pés a cabeça, misturado com uma espécie de licor que exalava um maravilhoso aroma, sem utilizar nenhuma roupa.

Essa questão motivou inúmeras expedições, especialmente quando esta lenda foi retomada por Juan de Castellanos, acrescentando-lhe ainda mais elementos capazes de provocar a cobiça humana. Oviedo era um escrivão honrado, que transmitia a coroa de maneira imparcial tudo aquilo que tinha como certo. Então mesmo diante do estranho,

⁴³ “[...] aquele grande senhor, o príncipe, anda sempre coberto de ouro moído como sal fino; porque lhe parecia que trajar-se com qualquer outra peça era menos formoso e que vestir-se com peças ou armaduras de ouro lavradas ao martelo ou por outra maneira é grosseiro e coisa comum, pois outros príncipes trazem em si quando querem; mas envolver-se com ouro em pó é coisa incomum, inusitado, novo e mais custoso, pois o que se coloca um dia pela manhã se retira e lava a noite, cai e se perde na terra, e faz todos os dias deste mundo.” (Tradução nossa).

inusitado, não deixa de acreditar que seria possível encontrar nesta terra americana fontes ainda maiores de riquezas materiais.

3.2.3 O GUATAVITÁ

Na cidade do Quito, no Equador, chegam em meados do século XVI as primeiras histórias a respeito da cerimônia do Guatavité, que se converteu no símbolo do *El Dorado*. Esta cerimônia acontecia no centro do lago Guatavité, localizado na Colômbia. Gonzalo Fernandez de Oviedo nos faz uma pequena introdução a respeito desta lenda, ao contar a história do Rei dourado, o cacique que todos os dias cobria-se de ouro.

Este cacique, mencionado por sua riqueza, foi enganado por sua mulher. Ultrajado, forçou-a a comer durante uma festa os órgãos de seu amante que proporcionaram a traição, e ainda ordenou aos súditos que cantassem o crime diante de todos enquanto durasse a festa. Humilhada, a mulher tomou sua filha nos braços e com ela se jogou no lago Guatavité. O cacique foi tomado pelo remorso e pela tristeza que só diminuiu quando os sacerdotes lhe explicaram que sua mulher agora vivia em um palácio no fundo do lago, e poderia ser honrada com oferendas em ouro. O cacique, então, passou a navegar ao centro do lago e ofertar objetos em ouro e pedras preciosas, sempre despido e coberto pelo pó de ouro.

Esta história nos é contada por Juan de Castellanos, poeta, historiador e cronista, em suas “*Elegías para varones ilustres de las Indias*”, obra produzida em meados do século XVI. Homenageando o conquistador Sebastián Moyano de Benalcázar, conta como ele ficou sabendo a respeito do cacique dourado e como empreendeu uma busca ao lago Guatavité:

[...]

Allí venido no sé por quevia;
El cuál habló con él, y certifica
Ser tierra de esmeraldas y oro rica.

[...]

Dijo de cierto rey que sin vestido

[...]

A hacer oblación según el vido,
Ungido todo bien de trementinn,
Y encima cantidad de oro molido,
Desde los bajos piés hasta la frente,

Como rayo de sol resplandeciente.

[...]

Allí para hacer ofrecimientos

De joyas de oro y esmeraldas finas

Con otras piezas de sus ornamentos,

[...]

Entonces le pusieron El Dorado

Por infinitas vías derramado.⁴⁴

(CASTELLANOS, 2007, p.130)

Esta mesmalenda que se refere ao homem dourado (*El Dorado*) é contada por Juan Rodríguez Freyle, em sua obra narrativa histórica “*Conquista y Descubrimiento del Nuevo Reino de Granada*”, mais conhecida como “*El Carnero*”. Se trata de uma narrativa com tons de picaresca, revelando a realidade colombiana ao mesmo tempo que apresenta dados históricos, escrita em meados do século XVII. Aqui a lenda é contada de outra maneira.

Haveria um ritual para a escolha do novo Rei desta terra rica. A comemoração duraria cerca de 20 dias, onde o eleito sairia em uma balsa, despido e coberto de ouro, para ofertar tesouros no meio do lago azul do Guatavité. Freyle (1968) relata a quantidade imensurável de riquezas depositadas dentro do lago, ao que menciona:

“En los últimos días de las fiestas, [...], se juntaban los caciques y capitanes y toda la gente principal en la gran laguna de Guatavité, en donde por tres días se hacían grandes borracheras, se quemaba mucho moque y trementina de día y de noche, y el tercer día en muy grandes balsas bien adornadas, y con todo oro y cintillos que tenían para esto, con grandes músicas de gaitas y fotutos, sonajas y grandes fuegos y gentío que había en torno de la laguna, llegaban al medio de ella, donde hacían su

⁴⁴[...]

Chegou lá não sei por qual caminho;

Que falou com ele e certificou

“Eu conheço terras ricas em esmeraldas e ouro.”

[...]

Falou de um certo rei despido

[...]

Fazer oferendas; segundo o que ele viu,

Todo untado de resina

E coberto de muito pó de ouro

Dos pés até a fronte,

Ele resplandeceu como um raio de sol.

[...]

Para lá fazer oferendas

De joias muito finas de ouro e de esmeraldas

E de outros ornamentos

[...]

Então lhe chamaram El Dorado

Esbanjando infinitamente pelos caminhos. (Tradução de AIROLA e BEER, 2000, p.120)

ofrecimiento, y con ello se acababa la ceremonia de correr la tierra volviéndose a sus casas.”⁴⁵(FREYLE, 1968, p.38)

Do mesmo modo que outros cronistas, Freile faz um apelo à religiosidade cristã, deixando transparecer que há no lago uma força misteriosa e maligna: “Con lo cual podrá el lector quitar el dedo donde lo puso, pues ya habrá entendido bien la cerimonia.”⁴⁶(FREYLE, 1968, p.38). Reafirma sua tese quando conta o que aconteceu com Antonio de Sepúlveda, um mercador espanhol, que após retirar uma quantidade de tesouros do lago, faleceu de uma doença contraída durante seus trabalhos.

Nos dois relatos a respeito do lago, encontramos o elemento misterioso atuando nas águas do Guatavita, o primeiro em forma de um palácio e o segundo não assume uma forma concreta, apenas a suposição de uma magia, ou como mencionado pelo autor, algo demoníaco. Novamente este elemento mágico é tratado com veracidade e certeza, e não somente ele como a imensurável riqueza deste reinado. A lenda do homem dourado tornou-se o reino do *El Dorado*.

Além de ser tratado como algo verídico, segundo Airola e Beer (2000), foram realizadas expedições e tentativas de “secar” o lago para conseguir retirar as riquezas lá presentes. Uma delas, realizada e idealizada por Alexander Von Humboldt no início do século XIX, quando procurava racionalmente o *El Dorado* levou companhias industriais a tentar retirar o ouro do lago. A primeira perdeu seus trabalhadores asfixiados em uma galeria, a segunda conseguiu secar uma parte do lago, porém o sol endureceu a lama de modo que o ouro que conseguiu ser retirado foi muito inferior ao pretendido. Através disto, pode-se afirmar que existe ouro no lago, mas não há certeza quanto a quantidade. A lenda se perpetuou a tal ponto que em meados da década de 1950 o governo Colombiano proibiu qualquer tentativa de secar o lago.

Em vista das tentativas de resgatar as prováveis riquezas que repousam no fundo do lago Guatavita, e de tantas outras histórias que surgiram após as especulações a respeito da cerimônia do Guatavita e do que aconteceu ao riquíssimo reino que o cercava, Airola e Beer (2000) mencionam: “O Eldorado sofreu uma importante metamorfose: o chefe índio coberto

⁴⁵ “[...] nos últimos dias das festas [...], se juntavam os caciques e capitães e toda a gente importante em torno do grande lago Guatavita, onde por três dias faziam grandes bebedeiras, queimava muito *moque* e resina de dia e de noite, e no terceiro dia em grandes balsas bem adornadas com todo ouro e adornos que possuíam para isto, com grandes músicas de gaitas e fotutos, guizos e grandes fogos, as pessoas que ficavam em torno da lagoa andavam até certa parte e faziam suas oferendas, com isto acabava a cerimônia e cada um voltava a sua casa.” (Tradução nossa).

⁴⁶ “Com a qual o leitor poderá tirar o dedo de onde pôs, uma vez que terá entendido bem a cerimônia.” (Tradução nossa).

de ouro se transforma em uma terra legendária depositária de esperanças e ilusões.” Então, o *El Dorado* foi a materialização dos sonhos europeus com a infinidade de riquezas que as novas terras poderiam lhe proporcionar.

A respeito do Paraíso Terrestre, há um apelo a religiosidade, aos desejos humanos, há uma nova visão da realidade americana, tornando-a o modelo da perfeição divina. No *El Dorado* encontramos histórias contadas por nativos americanos, provavelmente para afastar a cobiça europeia de suas terras, e atestadas por conquistadores relatando as riquezas sem fim desta terra, existentes, porém ‘certamente amaldiçoadas’. Nos dois casos, encontramos a perfeita convivência do elemento mágico com a realidade, não existem dúvidas, hesitações nem explicações, tudo é tratado com tanta naturalidade que acaba perpetuando-se nas imagens a respeito da América Central e do Sul, através do processo de materialização dos sonhos (PIETRI, 2002), naturalizando o que parecia absurdo e mostrando a nova forma de enxergar o mundo, além do enfrentamento com a realidade já conhecida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carpentier (1973) em seu livro nos afirma que a América foi a materialização dos sonhos impossíveis do europeu. A naturalização e aceitação do que é mito ou lenda, que normalmente deveria permanecer no campo da imaginação, formou na América imagens e estereótipos.

Levados pela imagem paradisíaca, na qual estaria semeado na América o Jardim do Éden, acreditaram na pureza do estado original criado por Deus. Porém, este estado original é constantemente ameaçado pelas forças do sinistro, e caberia aos bons católicos enviados por Deus para livrar a terra das mãos do demônio. Em nome desta libertação muitos nativos padeceram, por estarem praticando as artes demoníacas, associados às imagens dos monstros e bestas que compunham o bestiário das índias. Os que não foram dizimados tiveram suas culturas assoladas.

A respeito também da associação com a criação divina em seu estado original, fez com que muitos colonizadores se considerassem como um mensageiro da vontade divina, assim como fez Colombo. Ensinavam e nomeavam as coisas como o criador, assemelhando-se a sua imagem, ainda segundo Carpentier (1973, p.43). Fortalecidos, talvez, pela impressão que os nativos tiveram dos europeus, acreditando tratar-se de deuses, como fez Colombo:

“[...] entendíamos que nos preguntaban si éramos venidos del cielo. Y vino uno viejo en el batel y otros a voces grandes llamaban todos hombres y mujeres: Venid a ver los hombres que vinieron del cielo; traedles de comer y de beber. Vinieron muchos y muchas mujeres, cada uno con algo, dando gracias a Dios, echándose al suelo, y levantaban las manos al cielo, y después a voces nos llamaban que fuésemos a tierra.”⁴⁷(COLOMBO, 2002, p.34)

O sentimento de superioridade europeia fez pensar em criar na América a concretização da Utopia de Tomás Moro. As novas terras foram logo identificadas como Novo Mundo, refletindo assim o desejo de possuir uma segunda chance de criar a sociedade e a economia perfeita. O Novo Mundo reflete não somente um espaço geográfico para recriar a Europa, reflete o desejo de fazer diferente, de construir uma nova realidade sem repetir os erros passados. Apesar de parecer um belo conceito, não se concretizou do modo esperado.

⁴⁷ “[...] entendíamos que nos preguntavam se vínhamos do céu. E veio um velho em um bote e outros a vozes altas chamavam os homens e mulheres: Venham ver os homens que vieram do céu, tragam-lhe comida e bebida. Vieram muitos e muitas mulheres, cada uma com algo, dando graças a deus, jogando-me ao céu e levantando as mão aos céus e depois a vozes altas nos chamavam para voltar a terra.” (Tradução nossa).

Chiampi (1983) nos lembra que o maravilhoso na realidade americana acabou incentivando uma noção de diferença, que se perpetuou transformando a nossa cultura em periférica, quando em relação a cultura central europeia que forjou essa identidade. Traduziu-se em uma dependência do estereótipo colonial, nos manteve subjugados, influenciou na formação de uma estrutura social baseada nas oposições raciais, culturais e religiosas. Cultivou no pensamento e nas atitudes dos americanos um sentimento de inferioridade em relação à Europa, onde nos fez, enquanto americanos, pensar que toda novidade de fora é superior a criação americana.

Entre os efeitos que podem ser considerados negativos gerados pelos mitos e lendas que nasceram nas terras americanas, convém mencionar não somente aqueles que impregnaram em nossa identidade cultural, mas também no que diz respeito a maneira como o outro (não somente o europeu, mas aquele que não conhece a América) enxerga a América Central e do Sul. Carregamos a imagem de terra misteriosa, de natureza esplêndida e abundante (sobrepondo o desenvolvimento urbano), com a temperatura perfeita e repleta de riquezas, o verdadeiro Paraíso. Nossos nativos foram reduzidos a condição de índios desde que Colombo afirmou ter chegado às Índias orientais, refletindo assim o processo colonizador que permanece até os dias atuais.

A absorção da imagem paradisíaca é perceptível quando observamos a pintura que retrata a primeira missa no Brasil de Victor Meirelles, produzido em 1869 (Anexo I), e comparamos com um vídeo promocional produzido pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) anunciando os jogos da Copa Mundial de Futebol no Brasil em 2014 (Anexos II).

Na pintura de Victor Meirelles podemos observar a imagem da primeira missa sendo celebrada no Brasil. Além da natureza exuberante sendo retratada neste quadro, vemos uma numerosa quantidade de nativos pacientemente assistindo a missa e sendo voluntariamente convertidos. Talvez o fator mais interessante da pintura seja a escolha de cores, em especial para representar os nativos, um tom bastante forte que tornou a pele daqueles homens dourada como o ouro abundante do *El Dorado*.

Já no vídeo produzido pela FIFA, séculos após a pintura de Victor Meirelles, a imagem persiste. O vídeo mostra uma passagem pelo meio de uma floresta praticamente selvagem e extremamente exótica, digna dos renomados filmes de aventura, entre plantas e macacos vemos uma criança que sai da favela que é cercada pela vegetação tentando assistir aos jogos no estádio, que também está cercado pela vegetação e rios imensos. Ao invés de colocar a criança dentro do estádio, em meio a ruas e prédios, condizendo com a realidade, o

vídeo mostra a quem não conhece o Brasil como uma terra exótica com habitantes quase selvagens.

Pode-se concluir então, que não somente os mitos e lendas ainda tem uma forte presença na América como a própria realidade americana continua a ser enxergada sob outra ótica, outro conceito que não o real. Vivemos os efeitos surpreendentes do Realismo Mágico, como foi observado e exposto por autores consagrados dentro do *boom* literário de 1960, a névoa mágica que nos cerca ainda não dissipou por completo. Em meio a tantos avanços tecnológicos que proporcionam a grande parte da população mundial o fácil acesso a todo tipo de informação ainda encontramos essa dificuldade em se desprender dos estereótipos, expressado claramente por um vídeo reproduzido para todos os países, lembra claramente o mito do eterno retorno. O eterno retorno diz que estamos presos a um limitado número de fatos que sempre se repetirão, a dificuldade em se desprender cultural, ideológico e, até, financeiramente do outro estrangeiro, assim como as imagens paradisíacas que permanecem fortalecidas desde o tempo de Colombo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento (Tradução de João Ferreira de Almeida). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AIROLA, Jorge Magasich; BEER, Jean-Marc. América Mágica: Quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CARPENTIER, Alejo. El reino de este mundo. Cidade do México: Compañía General de Ediciones, 1973.

_____. Visión de América. Caracas: Fundación Celarg, 2005.

CASTELLANOS, Juan de. Elegias de varones ilustres de Indias compuestas por Juan de Castellanos. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007.

CEIA, Carlos. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>> Acesso em 02. Fevereiro.2017.

CHIAMPI, Irlemar. El Realismo Maravilloso: Forma e ideología en la novela hispanoamericana. Caracas: Monte Avila, 1983.

COLMERO, Manoel. Colón en España por D. Tomás Rodríguez Pinilla – Madrid, 1884. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006.

COLECCIÓN DE LOS VIAJES Y DESCOBRIMIENTOS QUE HICIERON POR MAR LOS ESPAÑOLES DESDE FINES DEL SIGLO XV. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2016.

COLÓN, Cristóbal. Los cuatro viajes del almirante y su testamento. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002.

DE MORA, Carmen. Lecturas del “Carnero”. CAUCE: Revista de Filología y su Didáctica, Sevilha, nº18-19, 741-770, 1996.

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FALQUETE, SOLANGE L. (Re) Inventando realidades: jogos espacio-temporais em três contos de Julio Cortázar. 2007. 139f. Dissertação de mestrado - Instituição Estadual Paulista. São José do Rio Preto.

FREYLE, Juan Rodriguez. El Carnero. Medellín: Editora Bedout, 1968.

GUERRERO, M^a. Monserrat León. El segundo viaje colombino. 2000. 583f. Tese de Doutorado – Universidade de Valladolid, Valladolid, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LLARENA, Alicia. Un balance crítico: la polémica del realismo mágico y lo real maravilloso americano (1955-1993). *Anales de Literatura Hispanoamericana*, n.26. UCM, Madrid, 1997.

MEDINA, José Ramón (Org.). *Historia real y fantástica del nuevo mundo*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1992.

MILTON, Heloisa Costa. Narrativa e imaginário na América Espanhola. *Itinerários*, Araraquara, v.15/16, p.151-161. 2000.

NETO, Mauricio. *Historia Natural y Política: conocimientos y representaciones de la naturaleza americana*. 2008. Disponível em:
<<http://www.lablaa.org/blaavirtual/exhibiciones/historia-natural-politica/hnp-04.html#>>
Acesso em: 06. Maio. 2017.

O' GORMAN, Edmundo. *El proceso de la invención de América*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

PELLICER, Rosa Domingo. “ContinensParadisi: el Libro segundo de El Paraíso en el Nuevo Mundo de Antonio de León Pinelo”. *América sin Nombre*. N. 13-14, P. 30-36. 2009

PEREIRA, Carlos Rey. *El paraíso en el nuevo mundo: Entre el ejemplo y la excepción*. Cuadernos para investigación de la literatura hispánica, Madrid, nº 29, 141 – 160, 2004.

PIETRI, Arturo Uslar. *Nuevo mundo, mundo nuevo*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002.

POLO, Marco. *Viagens de Marco Polo: Il Milione*. São Paulo: Clube do Livro, 1989.

RABASA, José. *De la invención de América: la historiografía española y la formación del eurocentrismo*. Cidade do México: Ediciones Fractal, 2009.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. 2017. Disponível em:
<<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=401&evento=5>>
>Acesso em : 06. Maio. 2017.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Rev. Let.*, São Paulo, v.46, n.1, p.231-244, jan./jun. 2006

_____. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WAHLSTRÖM, Victor. *Lo fantástico y lo literário en las Crónicas de Indias: Estudio sobre la mezcla entre realidad y fantasía, y sobre rasgos literarios en las obras de los primeros cronistas del Nuevo Mundo*. Universidade de Lund, Lund, 2009. Disponível em:<<http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordOId=1485594&fileOId=1497036>> Acesso em 23. Janeiro. 2017.

ANEXOS

ANEXO I



Fonte: DELPHINO – Site InfoEscola.⁴⁸

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/a-primeira-missa-no-brasil/>> Acesso em 14. Abril. 2017.

ANEXOS II





Fonte: Canal FIFATV no Site Youtube⁴⁹

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JP67IM1LX-M>> Acesso em 14. Abril. 2017.